

Stadium

O triunfo sportinguista foi a vitória dos chutadores! Os «leões» não perderam uma oportunidade, mas os benfiquenses atacaram e defenderam-se bem. No lance que reproduzimos, Fernandes, de cabeça, afasta a bola, quando Peyroteo já estava ao pé...



O FUTEBOL SUL-AMERICANO E A SUA MARAVILHOSA CLASSE



A equipa do S. Lourenço de Almagro, que fez uma brilhante «tournée» por Espanha e Portugal, impondo o futebol sul-americano

Quando, em 1 de Abril de 1928, no Estádio do Lumiar, a selecção da Argentina, que seguia para os Jogos Olímpicos de Amesterdão, jogou com a selecção portuguesa, empatando por 0 0, o resultado não fez perder aos nossos compatriotas a noção das realidades. O futebol argentino, para nós completamente desconhecido, deixou então a mais funda impressão. E talvez por causa do dia — muita gente não queria acreditar no desfecho da partida...

Já então os «gauchos», os homens das «pampas», mostravam a sua arte inimitável a dominar a bola. E não esqueçamos que da equipa fazia parte um jogador chamado Raimundo Orsi — que havia de vir a ter o significativo apodo de «Paganini do futebol»!

A Argentina não saíra, até então, do seu rincão da América do Sul. A vinda à Europa ia permitir-lhe elevar-se ao primeiro plano do futebol mundial. Os Jogos Olímpicos eram a primeira competição de características universais que os argentinos disputavam. Para honra e glória do futebol sul-americano, o Uruguai foi campeão e a Argentina ficou em segundo lugar!

Dois anos depois, em Montevideo (no Uruguai), realizou-se o 1.º campeonato mundial. Não foi por acaso que os uruguayos se sagraram campeões e os argentinos ficaram de novo em 2.º lugar. Não. Essas classificações traduziam uma realidade palpável, insofismável — a realidade do futebol sul-americano...

Eram maravilhosos os jogadores uruguayos: Nazazzi, Castro, Cea, Urdinarum (nada «ordinário», acentue-se...), Scarone, o negro Andrade... E nos argentinos havia um Orsi, um Monti, um Ferreyra...

E de tanta valia era o futebol sul-americano que da sua «exerção» no ramo do «gioco del calcio» saiu o futebol italiano — consagrado com dois triunfos no campeonato do Mundo! A árvore genealógica de Orsi e outros entronca numa base... italiana. De aí eles passaram de argentinos a transalpinos — foi um nada...

Quando, em 1934, no 2.º campeonato do Mundo, a Argentina foi eliminada pela Suécia, ninguém ficou surpreso. A «sangria» fora muito grande. A «seiva» estava ainda a refazer-se...

Volvidos anos, o futebol argentino voltou ao seu antigo esplendor. As exhibições do S. Lorenzo de Almagro aí estão a afirmá-lo, a dizer-nos que há profunda diferença entre o futebol sul-americano e o europeu. Que nem todas as equipas jogam como os «almagrinos». Uma coisa, porém, é certa: todos os jogadores da América do Sul possuem extraordinário domínio de bola. A «escola» uruguia não se perdeu. A «escola» brasileira continua com Zizinho, Heleno, Ademir, Chico e outros as tradições de Waldemar, Leônidas, o «Diamante Negro», Friedenreich, «O Tigre», Fausto, Jaguaré, etc...

O Uruguai está, agora, em plano levemente inferior. O Nacional e o Peñarol são ainda os seus grandes clubes. Mas o poder do dinheiro caiu sobre a pequena nação sul-americana, arrebatando-lhe os melhores jogadores para os grupos da Argentina e do Brasil — da Itália, de novo, e da própria França! Eis porque, no último sul-americano, o Uruguai ficou só em 4.º lugar — ainda à retaguarda do Paraguai! Móspoli, Cajiga, Volpi, Medina Zapirain (agora na Itália) — não valem um Nazazzi, um Andrade, um Castro, um Petrone... E, no entanto,

Medina foi, na mesma competição, o melhor marcador de golos!

Apesar da sua baixa colocação, o Uruguai forma, com o Brasil e a Argentina, o trio dos «grandes» da América do Sul. Ainda que o Chile se esforce e às vezes consiga igualá-los (já foi campeão), o Paraguai seja uma revelação e a Bolívia respite e boa vontade e apresente firmes progressos.

Os paraguayos Vilalba, Rodriguez, Cáceres e Casco — são bons jogadores. São também bons elementos os chilenos Chemaschi, Arroya, Alcántara e Salfate. E os bolivianos Peredo, Fernandez e Gonzalez são nomes a reter — entre os melhores do futebol sul-americano de 1946.

O campeonato da América do Sul começou a disputar-se em 1916. Tem tido várias interrupções — devido ao excessivo entusiasmo do público... Cabe à Argentina o maior número de triunfos. O Brasil e o Uruguai vêm a seguir. Não há dúvidas — os três países são os «três grandes» no futebol da vasta e rica América do Sul!

No Uruguai há mais clubes além dos clássicos Nacional e Peñarol. Mas estes levam a palma a todos os outros. Nitidamente.

Do Brasil quase não valia a pena falar... Os seus clubes são-nos familiares. E' o Vasco da Gama, o Flamengo e o Fluminense (coisa séria o Flax-Flu do Rio de Janeiro), o Botafogo, o América, o S. Cristóvão... Estes os cariocas. São os paulistanos: o S. Paulo, o Corinthians, o Palmeiras, a Portuguesa de Desportos...

E são, no lote dos jogadores, os guarda-redes Luis, Ari, Oberdan,

Batatais; os defesas Norival, Newton, o extraordinário Domingos da Guia; os médios Procópio, Danilo, Ivan, Rui, Brandão, internacional aos 42 anos; os avançados Zizinho, Heleno, Jari...

A Argentina é o campeão de 1946. Campeão que lutou bravamente com o Brasil, vencendo a prova num desafio repleto de incidentes, em que Chico e De La Motta foram expulsos.

O S. Lorenzo de Almagro, de Buenos Aires — Almagro é um bairro da capital Argentina — é o campeão nacional. Um campeão que teve no Boca Juniors e no River Plate, principalmente, no Rosário, no Ferrocarril do Oeste, no Estudiantes de La Plata, adversários valorosos, em jogos com assistências de 50 a 80 mil pessoas!...

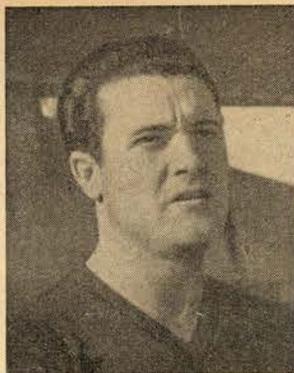
Aquilo que valem os argentinos pudemos apreciar no Estádio Nacional. E ali não estava a «flor» da futebol argentino. Só dois internacionais: Pontoni e Martino. Na florescente república da América do Sul há outros nomes mais famosos ainda: Pedernera, o melhor avançado-centro (melhor que Pontoni, sim senhor!), Lobruna, Lostan, o «keeper» Vacca, Salomon, Sobrero, dois defesas de grande classe, os médios Fonda, Ongaro, Pescia...

O próximo campeonato do Mundo disputa-se no Rio de Janeiro, organizado pelo Brasil. Quem lá for, da Europa, poderá apreciar em toda a sua plenitude o belo e artístico futebol sul-americano. A viagem vale a pena!...

Manuel Mota



O S. Lourenço de Almagro entrou desta forma curiosa no Estádio Nacional: os jogadores conduziam as bandeiras portuguesa e argentina, e saudavam entusiasticamente, ao mesmo tempo, a assistência



GAINZA, EPI, ARZA e APARICIO, quatro nomes muito citados actualmente no futebol espanhol. Gainza é considerado indiscutível e uma espécie de internacional n.º 1. Quanto a Epi, Arza e Aparicio, há quem mantenha a opinião de que deveriam alinhar no Portugal-Espanha, e de aí a sua séria candidatura contra a Irlanda, a 2 de Março próximo

Passou o vendaval! Os ecos do encontro Portugal-Espanha vão-se apagando, e já não se fala tanto do processo da selecção espanhola. É verdade que para o serenar influiu naturalmente a acção do S. Lourenço de Almagro por terras lusitanas, pois as suas duas vitórias do Porto e de Lisboa tiveram em Espanha enorme ressonância.

É possível — dizem os aficionados espanhóis — que um conjunto como o português, que acaba de vencer a nossa Selecção, possa ser derrotado pelo escandaloso resultado de 10-4? Quererá antes significar que o triunfo português sobre a Espanha se deveu a uma tarde de sorte dos nossos vizinhos e amigos? Ou, pelo contrário, foi o jogo detestável dos nossos homens que forçou o 4-1 do Estádio Nacional?

Explica-se a surpresa dos desportistas de Espanha. O campeão argentino venceu aqui três vezes: duas, a combinados nacionais, nos quais não existia coesão nem espírito de equipa; outra, no Atlético de Madrid, na tarde da apresentação do S. Lourenço, quando Aparicio e Campos, os dois melhores jogadores atléticos, estavam ausentes do terreno por se encontrarem magoados. Os restantes encontros tiveram resultados lisonjeiros, se se tiver em conta a classe extraordinária do onze argentino, para os clubes de aqui. Um empate em Bilbao, outro em Valência e um terceiro na Coranha demonstram que as equipas espanholas sabem jogar futebol. Muito mais, se se considerar que o Real Madrid, actual campeão de Espanha, domina inteiramente o S. Lourenço do Metropolitano, ao vencê-lo por 4-1 com relativa facilidade. Não tomamos em consideração o desfalco de Sevilha, por se ter organizado como uma exibição dos sul-americanos e não como um verdadeiro choque de duas forças em despique.

Estabelecidas deste modo as coisas, tudo parece indicar que o que fracassou em Lisboa não foi a classe do futebol espanhol, mas sim a falta de organização e preparação da equipa nacional. Os homens que pisaram o Estádio do Vale do Jabor não eram moss, mas não formaram um verdadeiro conjunto. Reanidos à última hora, sem amo só sessão de treino a sério, unicamente

podiam fazer o que fizeram, um pouco a mais ou a menos. Pôs-se muito de lado no grupo espanhol esse cuidado e essa esmerada preparação que Tevares da Silva teve com os representantes de Portugal e da qual resultaram os resultados magníficos que todos sabemos.

Agora pensa-se no encontro com a Irlanda. Pouco mais de três semanas faltam para que os espanhóis defrontem os nortenhos em Dublin, e pretende-se fazer alguma coisa — pouco poderá já fazer-se — do que convinha.

Os preseleccionados espanhóis, a primeira leva já foi indicada por Pablo Hernandez Coronado

possível que volte a ser ele quem ocupe o posto entre as balizas. Seja como seja, Eizaguirre está presentemente em forma, como o provaram as suas últimas exhibições no Valência. Lezama está descartado por completo, em vista do seu incompreensível e desastroso partido de Lisboa.

O par de defesas não sofrerá alteração. Querejeta e Carta serão os designados, juntamente com Aparicio, que vai recuperando a sua antiga forma à medida que o tempo decorre. A sua antiga lesão, que o manteve afastado dos campos, não o molesta já nada.

Gonzalo III e Nando serão mantidos na linha média. Já o

seguro candidato para a asa direita. Os interiores serão mudados, pois tanto Panizo e Cesar estiveram tão mal como contra a Irlanda. O sevilhano Arza, o asturiano Herrerita, e Belmar, do Madrid, serão convocados. Os dois primeiros são os que têm mais probabilidades de serem escolhidos. E se assim fosse, não seria extraordinário que Langara jogasse ao lado do seu companheiro de clube, Herrerita.

Tem-se apontado também o nome do canário Molowny, do Madrid. O seleccionador reconhece neste rapaz extraordinária classe, mas aguarda que adquira uma maior experiência antes de o fazer internacional.

ESPAÑA BUSCARÁ EM DUBLIN a reabilitação do seu futebol

Madrid, especial para «Stadium», de RAMON MELCON

— Bañon, Eizaguirre, Carta, Querejeta, Aparicio, Gonzalo III, Sans, Ioiña, Nando, Epi, Arza, Zarra, Herrerita, Gainza, Anton, Langara e Igoa — concentrar-se-ão em Madrid no próximo dia 17 e na capital permanecerão até à hora de emprender a viagem. Aqui jogarão algumas partidas, celebrarão o treinamento de conjunto e devem adquirir maior coesão do que aquela que tiveram em Lisboa. Diz-se, mesmo, mas ainda não há confirmação oficial quando escrevermos, que Ricardo Zamora será nomeado preparador permanente da equipa nacional, ao lado do coronel Villalba como professor de cultura física.

Por outro lado, Hernandez Coronado quer introduzir algumas modificações no conjunto: este formar-se-á à base dos homens que não fracassaram frente a Portugal. O guarda-meta que tem mais probabilidades é Eizaguirre, pois a lesão sofrida pelo madrileño Bañon obriga-o a permanecer ainda inactivo. Se, na altura devida, se encontrar já inteiramente restabelecido, é

mesmo não sucede com Bertol, fracassado em Portugal. Sans, do Barcelona, e Ioiña serão postos à prova, e chamar-se-á Gonzalo II para suplente. Também tem algumas probabilidades o médio-centro do Oviedo, Diestro, o qual, ainda que um pouco lento, é muito preciso no passe e tem bom jogo defensivo.

E chegamos ao ataque. Hernandez Coronado quis formá-lo procurando alinhar a maior quantidade possível de jogadores de um mesmo clube, o Atlético de Bilbao. Mas, em vista da desgraça da prova, decide-se agora pela designação do melhor homem para cada posto, sem considerar o clube a que pertence. Assim, somente Gainza, extremo-esquerdo, será mantido na equipa. Zarra e Iriando têm probabilidades; mas chamar-se-á também a Langara e a Epi. Este último, indiscutivelmente mais jogador que Iriando, devia ter alinhado em Lisboa, mas o critério dominante de conseguir coesão à custa de alinhar várias unidades de um mesmo clube, deixou-o fora da relva. Agora é

Estas são as linhas gerais da selecção que se apresentará na Irlanda. Depois do que sucedeu em Lisboa, o optimismo não abunda entre os aficionados, que recordam, por outro lado, o anterior desfalco com a Irlanda no Metropolitano, no qual os visitantes venceram por 1-0. Mas confia-se em que, apesar de curto, o prazo de convivência dos preseleccionados dará resultados satisfatórios. E há quem lembre que, em Dublin, já os espanhóis venceram por 5-0. Mas isso foi há muito tempo, e as coisas mudaram de então para cá. Cremos que os jogadores espanhóis podem, num dia de acerto, vencer qualquer selecção, mas reconhecemos as dificuldades que comporta a empresa da Irlanda. Apesar de tudo, não perdemos as esperanças de uma reabilitação do nosso futebol. Como todos os espanhóis, recordamos, sem querer, o triunfo espanhol de 1930. No fim de contas, repetiremos o título de um filme que há tempos rodou nos cinemas madrilenos: «Sonhar não custa nada...» — R. M.

Boa vitória belenense, não há dúvida alguma! Os amadores do futebol, entretanto, já não se surpreendem muito com certas oscilações, e por isso aceitaram o resultado com a filosofia costumada...

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Armando, Teixeira da Silva, Martinho e Rafael.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Alberto, Nunes, Oliveira, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Árbitro — José Serandezes, de Lisboa.

O Estoril não marcou. E o Belenenses obteve 4 tentos. Aqui começa, naturalmente, a «grande surpresa». O conjunto de B-lém, que ultimamente não tem obtido resultados expressivos, quase sempre poucos «goals», conseguiu desta feita marcar por 4 vezes, o que revela ainda a existência de possibilidades.

Se assim for, — os nossos aplausos. A crítica afirma-nos que os estorilistas não se deixaram inferiorizar até os belenenses conseguirem dois «goals», mas que ao terceiro se perturbaram a ponto de consentir domínio expressivo. A linha dianteira dos rapazes das Salésias conseguiu pelo menos concretizar a superioridade territorial. O Estoril, embora várias vezes ao ataque, foi menos feliz a rematar e não soube ou não pôde desfeitar a defesa adversária.



O guarda-redes do Estoril Praia procura recolher uma bola alta. Alberto segue o lance com ansiedade Rafael e Martinho esperam ainda tirar proveito da situação...

O BELENENSES rematou bem...



Uma fase, curiosa e movimentada, junto das ballzas de Sebastião. Cada jogador está no seu sítio, interessado no lance, e o conjunto parece combinado!



Teixeira da Silva prepara-se para rematar. Mas o guarda-redes mergulha com oportunidade e estilo e salva a situação. Elói ocorre, como lhe cumpre.

Contra a boa vontade e o bom jogo do Estoril, principalmente até que a vitória se desenhou, respondeu o Belenenses com decisão ofensiva. O «team» pareceu disposto a reagir — e reagiu. Derrotar o Estoril por 4-0 no actual momento, não é coisa fácil. O grupo da Costa do Sol tem afirmado boa categoria neste campeonato, e por certo o demonstrará ainda nos futuros jogos...

No domingo, lutando com pouca sorte, nem sequer marcou o ponto de honra, coisa que já não está nos seus hábitos. Foi o dia do Belenenses. A equipa das Salésias, se conseguir organizar-se no ataque, pode ainda demonstrar que a sua crise é episódica, fácil de eliminar, de mais a mais contando com algumas pedras de grande vulto, defesas da melhor categoria. Um grupo que possui Capela, Feliciano, Amaro, Vasco e Serafim, não pode com certeza deixar de, mais tarde ou mais cedo, conquistar 5 homens que saibam rematar, construir a vitória à custa de remates. E não rematam ainda muito bem Rafael e Armando? E mesmo Mário Coelho?

Neste encontro salientaram-se nos vencidos: Pereira, Elói e Alberto — bons homens de defesa. No ataque — falta de decisão. O Estoril joga mais. Demonstrará-lo naturalmente noutros jogos.

No Belenenses: — Armando e Mário Coelho cumpriram como avançados. Depois — o veterano Amaro, sempre ágil e sábero, Vasco, Feliciano e Serafim.

3 ASSUNTOS

O movimento dos dirigentes

Nos altos comandos do futebol verificou-se nestes dias uma renovação nos quadros directivos.

O sr. Raul Vieira, incansável dirigente, que tem prestado inestimáveis serviços à causa, deixou o cargo de secretário geral da Federação Portuguesa, passando para presidente do Conselho Fiscal e Jurisdicional daquele Organismo, lugar últimamente ocupado pelo sr. professor Pires de Lima, hoje ministro da Educação Nacional.

Por proposta da Direcção Geral dos Desportos, com a devida sanção ministerial, foi nomeado para secretário geral o sr. dr. Fecco Viena, que, naquele organismo, já deixara um rasto de boa-vontade, competência e seriedade.

Para presidente da Comissão Central de Arbitros foi nomeado o sr. dr. Virgílio Paulo, que regressa em boa hora às lides acilvas do futebol, onde tem marcado uma posição de incontestável relevo, pelos seus conhecimentos e pela sua inteligência.

Treinos da Selecção

Recomeçam amanhã, no Estádio Nacional, os treinos da selecção portuguesa de futebol. Foram convocados os seguintes jogadores:

Sporting — Azevedo, Cardoso, Jesus Correia, Peyroteo e Travassos.

Benfica — Moreira, Francisco Ferreira e Rogério.

Belenenses — Capela, Feliciano, Vasco, Amaro e Serafim.

Porto — Araújo.

Boavista — Calado.

Académico — Pacheco.

Académica — Bentes.

Servirá de grupo treinador o Estoril Praia, que alinhará completo, cedendo apenas o lugar do médio-centro.

Tavares da Silva na Irlanda

O nosso prezado chefe de Recrutamento, que desempenha, como se sabe, as funções de seleccionador nacional, desloca-se no dia 2 de Março, oficialmente, a Dublin, a fim de presenciar o *match* Espanha-Irlanda.

Tavares da Silva, um conhecedor profundo do futebol espanhol, tomará contacto estreito com o futebol irlandês, que visitaremos a 5 de Maio, e cuja exibição no Estádio Nacional, na época transacta, deixou as melhores impressões.

A selecção irlandesa perdeu em Lisboa, mas affirmou-se um grupo unido e sólido, de plano definido, com unidade, e prestando um futebol preciso e geométrico. O grupo português fez uma primeira parte, de tal modo prática e perfunctória, que resolveu o problema. A Irlanda jogou, oito dias depois da sua visita ao Vale do Jemor, no Estádio Metropolitano, em Madrid, contra Espanha, e conseguiu triunfar.

Os espanhóis preparam-se para uma vitória rotunda, não tendo em grande conta a colacção irlandesa, mas tiveram, afinal, de dobrar a cerviz ao soar o último apito do árbitro. Compreende-se, de resto, que os irlandeses, em constante contacto com os ingleses e escoceses, revelem a mesma pureza, escola e qualidade de futebol.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO



Azevedo e Rogério

candidateados à selecção da Europa Continental

A Federação Internacional de Futebol aceitou uma proposta inglesa e resolveu levar a efeito, para seu benefício, um desafio entre o Grupo da Grã-Bretanha e a Selecção da Europa Continental, em Glasgow, na Escócia, no próximo dia 10 de Maio, isto é, cinco dias depois do Irlanda-Portugal, marcado para Dublin.

Foi encarregado de organizar a Selecção da Europa um comité de cinco membros, de que fazem parte os srs. Seeldrayers, presidente, Lotey, Valonsek, Frederiksen e Salrick.

Essa Comissão dirigiu-se, por officio, a todas as Federações Nacionais, para estas indicarem os nomes dos jogadores que, em seu entender, poderiam considerar-se como candidatos possíveis a um dos lugares dessa equipa.

Para permitir escolher a tática que será imposta à equipa, as Federações Nacionais deviam informar se os jogadores indicados praticavam o W. M., ou então qual o plano adoptado pela sua equipa.

Não há dúvida, portanto, A 10 de Maio, a F. I. F. A. apresentará na Escócia uma equipa a que chamará a Selecção da Europa Continental, para demonstrar — quem sabe! — que o Grupo da Grã-Bretanha é imbatível, isto é, que os britânicos continuam a ser os mestres do jogo.

A Comissão dos 5 reuniu-se no passado dia 15, e já deve ter feito a primeira escolha, apresentando por certo a lista dos prováveis. No dia 6 de Maio, haverá um treino definitivo, em Amesterdão, na Holanda, e os jogadores seguirão logo, de avião, para Glasgow.

A Federação Portuguesa de Futebol já deu, como quase todos os organismos, a sua resposta. Submetida a questão ao Conselho Técnico e ao Seleccionador Nacional, aquela entidade foi de opinião que o Seleccionador emitisse o único parecer. Assim aconteceu. Sabemos que, por sua proposta, foram indicados telegraficamente para a Selecção do Continente dois jogadores portugueses: João de Azevedo, guarda-redes, e Rogério de Carvalho, extremo-esquerdo, ambos titulares da equipa nacional. Tavares da Silva apresentou um relatório pormenorizado sobre estes elementos, com vista à F. I. F. A.

A Federação Portuguesa, na sua resposta, declara indicar apenas estes dois elementos por entrar em linha de conta com a forma actual dos jogadores, seus filiados, obedecendo assim à máxima enunciada de se tratar de jogadores tendo realmente grande classe, já comprovada no campo internacional.

CORRE QUE...

Chegou na semana finda um jogador, vindo de África, para o Futebol Clube do Porto. Irmão de outro rapaz, Boavida, que joga na reserva, parece tratar-se de um elemento muito hábil.

¶ Vai haver esta época um intenso movimento de juniores. Várias Associações distritais pediram à Federação subsídios para o efeito.

¶ O dr. Abrantes Mendes, firmado já na posição de treinador, regressou ao Atlético, muito havendo a esperar da sua competência e entusiasmo.

¶ Alguns adeptos, em Coimbra, não vêm com bons olhos que Bentes não tenha alinhado na Selecção Nacional.

¶ Os argentinos do S. Lourenço de Almagro sempre disseram em Espanha que no nosso país se jogou mais... Ao menos, valha-nos isso.

¶ Já não se fala outra vez no Congresso do Futebol, e as recentes nomeações parecem significar estabilidade dos actuais dirigentes.

¶ As obras no campo do Sporting seguem num bom ritmo, tudo fazendo supor que o Luminar esteja praticável lá para o começo da próxima época. Os leões receberam um subsídio da Federação de 150 contos.

CONTA-GOTAS

Diga-se o que se disser, os cargos de dirigentes da bola são de sacrifício. Voluntário, é certo. Mas de sacrifício. E de toda a ordem. Um dirigente trabalha com lenacidade e inteligência, no desejo de produzir obra útil. Mas um dia chega em que desanima, concluindo que a sua actividade é, no fundo, improduttiva, e que as suas acções não são apreciadas como o deviam ser. Quando se convencem disso, os dirigentes também se libertam do jardo com a mesma facilidade com que nele pegaram e o transportavam...

Dirigir a Federação, uma Associação ou um Clube, é muito mais difícil do que à primeira vista parece. Cá de fora, há a impressão de que, se estivessemos lá dentro, faríamos melhor... Não aconselhamos ninguém a tentar a experiência.

Privar com certos jogadores da bola tem os seus quês e porquês. Porque eles têm a impressão de que o Mundo gira à sua volta. Um dia virá a amargura e a desilusão!

Propósitos e despropósitos

Os correspondentes das agências desportivas espanholas em Lisboa aproveitaram a ocasião da impressionante vitória dos argentinos sobre a seleção lisboeta para lançarem, na imprensa do país vizinho, toda a espécie de despropósitos sobre o valor relativo do futebol ibérico.

Houve até quem escrevesse, depois da triunfal demonstração de classe do Almagro, que vestava vingada a derrota espanhola do Jamoro. O que é simplesmente ridículo e, mesmo, pouco inteligente, pois isto de confiar a outrem a desforra dos nossos desastres equivale a uma confissão da própria incapacidade.

Disseram outros senhores enviados especiais que os visitantes sul-americanos lhes haviam feito, após o encontro, peremptórias declarações sobre a inferioridade dos futebolistas portugueses em relação aos espanhóis. Sucedeu, porém, que em «Marca» de 9 de Fevereiro se encontra uma entrevista com o chefe da delegação desportiva argentina, dr. Gonzalez Grey, à sua chegada a Madrid, de regresso de Portugal e de Sevilha, de onde extrahimos o trecho seguinte:

— «Como achou o futebol português?»

— «Parecaram-me desorientados em frente da nossa equipa. É verdade que em poucos minutos lhes marcámos dois pontos... Mas, no conjunto, os grupos jogam mais compenetrados do que aqui.»

«São tènicamente superiores aos espanhóis, mas parece-me, contudo, que não sabem tirar disso todo o proveito possível.»

— «Disse-se que jogaram muito duro.»

— «Não. Houve choques que o árbitro, que agiu com muito acerto, cortou imediatamente.»

Chama-se, a isto, um perfeito guardanapo; e uma lição de honrabilidade e desportivismo aos tais senhores correspondentes e enviados.

Com uma referência especial para o tal Araujo, que vomita bellis em excesso nas páginas de «Meta».

Treinar e educar

A preparação desportiva, que os preceitos complexos da meticulosa técnica moderna transformaram numa ciência precisa, não pode ser afastada do campo da educação física. Os elementos empregados por uma e outra são semelhantes e, muita vez, confundem-se; os exercícios ginásticos, gerais ou especializados, figuram em todos os programas de actividade de preparação para o desporto.

A missão do treinador só pode ser convenientemente desempenhada por quem saiba ser so-

breitudo um educador. O treinador que não cuida de educar — o caso é frequente — dirige os seus pupilos por intuição e aproveita às vezes com felicidade, por meio de processos empíricos, os seus dotes naturais; o educador, consagrado o seu interesse também ao treino e à preparação desportiva, desempenha no entanto essas funções com mira na formação do corpo, no desenvolvimento das suas faculdades, no emprego da técnica de base.

Para não correr o risco de fracasso ou acidente, o educador-treinador deve ter conhecimentos que só uma cuidadosa cultura científica lhe pode assegurar e não se improvisa, de um praticante hábil, experimentado e ao qual o peso dos anos imponha a necessidade duma reforma. Tendo de cuidar do aperfeiçoamento físico — e acrescentaremos psíquico — dos seus discípulos, só o conseguirá efectivamente se possuir também, a par da ciência táctica e técnica do seu desporto, conhecimentos apropriados de ciências gerais, que se não aprendem pela leitura nem se assimilam pela prática.

Agradáveis referências

A revista francesa «Miroir-Sprint», no seu número de 4 de Fevereiro, insere uma referência ao Sport Lisboa e Benfica, intitulando-o o clube mais popular de Portugal e único, no seu género, em todo o Mundo.

A descrição da importância e valor do grande clube lisboeta é recheada de encomiásticas apreciações, entre as quais recordamos as seguintes:

«Uma verdadeira veneração, tocando as raízes do misticismo, se apoderou dos admiradores do Benfica. Não é raro ver-se comboios especiais de aficionados acompanhando a equipa de honra de futebol nas suas deslocações. O semanário desportivo, órgão do clube, tem uma tiragem de 12.000 exemplares.»

Este entusiasmo pelo Benfica espalhou-se pelo país inteiro e este clube, que é de longe o primeiro da cidade, é também o primeiro de Portugal, pois possui 70 filiais espalhadas pela metrópole e pelas colónias.

O Benfica possui vários terrenos de jogo. Os mais importantes estão instalados no Campo Grande, onde existe um estádio para futebol, com 40.000 lugares, assim como uma pista para corrida pedestre, cercando terrenos de basquete, ténis, etc.»

O artigo, muito agradável de princípio a fim, é ilustrado com uma fase de futebol e uma fotografia com a legenda: «Matos Fernandes, atleta negro do Benfica e campeão nacional». Simplesmente, o retrato a que se refere este título é o de... Francisco Ferreira!

COM VISTA ao Campeonato do Mundo

O primeiro encontro entre esgrimistas portugueses e espanhóis

Portugal prepara-se para o Campeonato do Mundo de Esgrima que, em Junho próximo, se disputará em Lisboa. Todos os sales de armas e todos os nossos esgrimistas estão em plena actividade. A esgrima — am desporto em que sempre marcámos posição de relevo além-fronteiras — vai reviver os seus melhores tempos. Os consagrados e os novos valores da esgrima nacional treinam-se com entusiasmo e dedicação, e o que tem sido esse treino vai ser apreciado no próximo Torneio Luso-Espanhol, nos três armas, que nos dias 22 e 23 porá frente a frente os esgrimistas das duas nações.

— Não se trata de um Portugal-Espanha — dizem-nos o Sr. Mário Rocha, actual secretário geral da Federação Portuguesa de Esgrima, quando o abordámos, pedindo-lhe algames informações acerca do Torneio — mas o encontro entre os esgrimistas portugueses e espanhóis serve para uns e outros apreciarem as suas possibilidades. É o primeiro contacto entre desportistas portugueses e espanhóis nesta modalidade e este facto reveste-se de especial interesse.

— Os esgrimistas que nos visitam?

— Os melhores que há em Espanha. Um conjunto bem organizado, que traduz o trabalho aturado que a Federação espanhola tem desenvolvido no sentido de se preparar convenientemente para o Campeonato do Mundo.

— Alguns nomes?

— Por exemplo, Félix Pomés, internacional olímpico, actual campeão nacional de florete e sabre. O major Albornoz, forte atirador, diversas vezes vencedor de campeonatos regionais e nacionais. Cezar Diego Lopez, campeão nacional de sabre, Juan Bossini Jané, campeão de florete major Mariano Sobejano, actual campeão de espada ao lado de outros bons valores.

Desde 1936 que não medíamos

forças com esgrimistas estrangeiros e, se bem que os espanhóis não sejam dos mais fortes atiradores da Europa, este encontro convém-nos sobremaneira. Cruzar o ferro com eles, vai permitir-nos conhecer melhor as nossas equipas...

Iremos depois a Madrid, mas o nosso contacto com estas ligas mais representativas da esgrima espanhola será logo seguido de outros encontros individuais com esgrimistas estrangeiros. Uma preparação intensa, porque Portugal tem de colher os seus louros no Campeonato do Mundo.

— Os nossos esgrimistas?

— Em boa forma. Os torneios de preparação que desde Dezembro vêm disputando-se têm-nos demonstrado. O sabre é uma incógnita, visto ter sido nulo o nosso contacto nesta arena. Os esgrimistas que vão formar a equipa são todos novos: o tenente cavaleiro Costa Santos, Costa Freitas, tenente Pessanha.

No florete, se o engenheiro Henrique da Silveira não entender, os componentes também farão a sua estrela em outros internacionais, excepto o que, representando a Mocidade Portuguesa, tomaram parte no encontro com a «Jeunesse Française».

Em Espanha reuniremos próximo o melhor lote de nomes de categoria: Ral Mrye, dr. Jorge Oom, Carlos Dias, Emilio Lino...

E registamos o facto dos novos se estarem empregando a fundo na sua preparação, ombreados com os consagrados.

Mário Rocha forneceu-nos depois uma informação curiosa.

— Os esgrimistas espanhóis que só há pouco começaram, mais intensamente a preparar-se com a modalidade, vão tomar o seu primeiro contacto com o aparelho eléctrico, que desconhecem. O que encomendaram não lhes chegou a tempo de se treinarem, de forma que será em Lisboa que os atiradores se conhecerão o sistema.

Enfim, por tudo, este «Torneio Luso-Espanhol», de esgrima, nos saltará a uma excelente e firme oportunidade de grande actividade e interesse que a esgrima está despertando. É não é justo negar o trabalho admirável que tem desenvolvido o Conselho Técnico da Federação. Aos srs. major António Mascarenhas Meneses, Abel Machado, Frederico Paredes, e pitão Pereira de Castro e Arnão Lopes se deve toda a actividade.

Almanaque dos Desportos

300 páginas ilustradas

Autores: — Alguns dos melhores jornalistas portugueses

Recebem-se inscrições nesta Redacção — Preço do livro 22\$50 — Todas as modalidades e todos os campeões — As leis do futebol dentro de uma grande obra.

assinem a STADIUM
Stadium



Correia é um magnífico guarda-redes, ágil e acrobático. Contra Guimarães, Correia trabalhou bem e não foi batido. Nesta jogada, conseguiu antecipar-se aos adversários. Teixeira limita-se a olhar, como que dizendo: já não vale a pena insistir...

Atlético domina

O Atlético raras vezes dá desgosto aos admiradores no seu campo — o relvado da Tapadinha. A equipa alcantarensê já conseguiu vencer os mais categorizados, provando sempre boa disposição para a luta.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, Lopes, Morais, Oscar, Armindo, Amaral, Rogério e Marques.

Vitória (G.) — Machado, Curado, Ferreira, José Maria, Garcia, Dias, Franklin, Miguel, Briosso, Teixeira e Alcino.

Árbitro — Paulo Oliveira, de Santarém.

A equipa vimaranense, nesta sua, saída para Lisboa, não foi feliz, entretanto. O seu excelente jogador Garcia foi forçado a abandonar o campo logo nos primeiros lances do encontro, e quando regressou ao terreno foi difícil a re-composição da equipa. Isto, em equipa visitante, nem sempre pode ser atenuado pela boa vontade. E se dissermos que ao campeão minhoto faltaram Luciano, José da Luz e Alexandre, talvez se tenha de afirmar que os vimaranenses obtiveram resultado satisfatório.

Porque o Atlético, já se sabe, não se entrega ao adversário mais forte. Os rapazes de Guimarães não eram imbatíveis para si — mas já não é a primeira vez que surpreendem a equipa mais bem apetrechada. Perderam bem por 2-0.

O conjunto de Artur Baeta defendeu-se com excelente disposição. Machado foi excelente guarda-redes; Curado também se distinguiu. E ainda Franklin sempre habilidoso, mas também lento a executar.

Nos alcantarenses — Baptista e Castro, no mesmo plano. Rogério e Armindo orientaram os melhores ataques alcantarenses, fazendo jogar os seus companheiros de princípio até afinal. Bons elementos.



Bem lançado, todo no ar, Correia alivia com os panhos: agilidade e segurança!



A jogada é confusa! Um atlético está no chão, e o jogador de Guimarães parece não se aperceber que Correia já executou a defesa.

O Famalicão

perdeu nos últimos momentos

Eis como se apresentaram os grupos no campo minhoto:

Famalicão — Augusto, Armando, Cerqueira, Júlio Costa, Ferrão, Adelino, Manita, Pires, Alvaro Pereira, Tellecheia e Sampaio.

Olhanense — Oscar, Rodrigues, Loulé, Cortez, Grazina, Eminência, Moreira, Soares, Cabrita, Salvador e Palmeiro.

Árbitro — António Passos, do Porto.

A formação famalicense não teve a sorte por companhia. Veio a perder o encontro depois de 2-1 a seu favor, consentindo os dois *goals* algarvios quase no final, obra de Cabrita e Eminência. Chamou-se a isto «golpe de teatro». Talvez. Mas o futebol tem estes golpes, paradas de fortuna e azar, e não pode a crítica discutir o caso com atenuantes para o grupo que se deixa vencer...

Os segundos do Minho tiveram a vitória ao seu alcance. Os do Algarve, mais possantes, destruíram-lhe no pior momento... Futebol. Os melhores vencedores: — Oscar, Loulé, Cabrita e Moreira. Nos vencidos: — Cerqueira, Augusto Pires e Alvaro Pereira.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número...	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
2 » »	130\$00

APRENDA A NADAR! CONSTRUAM-SE PISCINAS! AS LEGENDAS CONTINUAM A SER AS MESMAS...

O desporto atingia uma actividade e um desenvolvimento de extraordinária importância na vida dos povos. A cultura física, aliada aos vários aspectos sociais, tem permitido boa soma de vantagens.

Também a vida desportiva portuguesa é um facto, muito embora se contem ainda muitos espíritos rotineiros que combatem a vida ao ar livre e a cultura desportiva. Mas vão rareando essas opiniões — que a propaganda tem sido condescendente com entusiasmo e dedicação. E de há longos anos. Uma batalha sem tréguas, conquistando pouco a pouco o objectivo em vista.

Por certo nemham dos pioneiros do desporto, que há 30 anos organizaram insistente campanha, pensa então que se alcançasse tão grande interesse e entusiasmo à volta da actividade desportiva.

Não sápueram os ciclistas desse tempo as médias a que se chegaria em provas de grande fardo e o mesmo se pode pensar dos que então se interessavam pelo atletismo e natação, não

isolando no futebol, que alcançou os seus 50 anos em glória e prestígio.

Mas o que se latou nesses tempos! E como depois tudo evoluciona! A técnica, o valor das práticas desportivas, até a indumentária do homem de desporto.

Três dezenas de anos chegam para nos recordarem esses tempos heróicos da vida desportiva em Portugal — para recordar e render justa homenagem àqueles que, com ânimo e alegria, levaram por diante a sua ideia. Justa homenagem é devida a todos quantos, nesses tempos, se entregaram, pela organização e pela prática, à propaganda do desporto em Portugal.

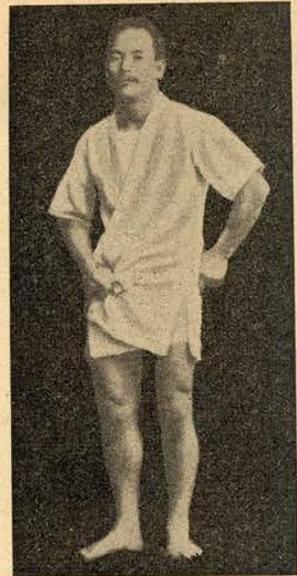
Recordamos, ao acaso, três aspectos arrancados ao nosso desporto, aí por alturas de 1907.

Estava-se então nos princípios da propaganda da natação. Formara-se uma comissão composta pelo Real Ginásio Clube, Real Associação Naval, Real Clube Naval, Clube Naval Madeirense, Real Velo Clube do Porto, Clube dos Aspirantes de Marinha, União dos Ajudados Civis, Portugue-

ses, Centro Nacional de Esgrima, Real Clube Naval Infante D. Manuel, União Velocipédica Portuguesa, Velo Clube de Lisboa, Liga Naval Portuguesa, Atenea Comercial, Clube Mário Duarte, de Aveiro. Este grupo de clubes portugueses, só por si, constituem grata evocação.

O principal objectivo desta Comissão era estudar e propagar o desenvolvimento da natação em todo o país, assentando-se num plano que, segundo essa comissão, levaria longos anos a pôr em prática. Esse plano consistia principalmente em conseguir que todos os clubes do país organizassem escolas de natação para que, anualmente, entre todos, se disputassem provas da modalidade. Interessar as populações escolares de todo o país em provas de natação e conseguir promover a construção de piscinas, sagerindo dos Ministérios da Marinha e da Guerra a organização de provas exclusivamente destinadas aos seus marinheiros e soldados.

Programa valioso que, com razão, os seus idealistas julga-



O célebre Raku, o maior jogador de jiu-jitsu, que viveu muito tempo em Portugal, destacando-se como um formidável atleta

ram que levaria longos anos a pôr em prática. Acertaram. Volvidos 30 anos, reconhece-se a necessidade de fazer intensa propaganda, e continuar, cada vez mais, essa luta pela qual se empenharam os homens de desporto em 1907.

«Aprenda a nadar!» Devem todos os clubes desportivos criar escolas de natação! Pense-se na vantagem da construção de piscinas! As legendas continuam as mesmas, embora esteja ampliado e favorecido o objectivo em vista.

Reconhecia-se igualmente no atletismo o seu grande valor como aperfeiçoamento físico.

Por esse tempo, a Escola Académica levava a palma na preparação atlética dos seus alunos. Mas não só ela. Em outros institutos de educação se encarava a sério esse problema.

Também Lisboa andava entusiasmada na luta de jiu-jitsu. O jogo japonês estava no auge, no estrangeiro e em Lisboa. A novidade foi acolhida pelos nossos *sportsmen* com visível agrado.

Foi nesse tempo que Raku veio a Lisboa e quando o Centro Nacional de Esgrima pôs a funcionar um curso de jiu-jitsu, do qual se encarregou o professor Imagi Hayashi, um hábil e competente «cientista» do famoso jogo.

O interesse e o entusiasmo com que o jogo japonês foi acolhido em Lisboa demonstrou esse curso, no qual se prepararam vários elementos e onde aprendiam também dois rapazinhos, Augusto de Vasconcelos, de 12 anos, e Jerónimo de Vasconcelos, de 14.

Forneça-nos esta recordação a revisão de alguns apontamentos do que era a vida desportiva em Lisboa há mais de 40 anos.

F. S.

Há 30 anos já se praticava com entusiasmo a natação em Portugal. Eis um curioso aspecto de uma «partida»! Um tiro de espingarda vai soar como sinal de largada...



Um grupo de concorrentes! Não pode deixar de se ver hoje esta fotografia senão com muito respeito e simpatia

ATLETISMO

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VI — Os 1.500 metros (fim)



Manuel Nogueira na época dos seus melhores resultados

A temporada de 1926 foi de superioridade completa de António de Almeida (Vencedores de Jornais), que venceu o regional em 4 m. 29 s. e o nacional em 4 m. 25.8 s.; era, no entanto, essencialmente um corredor de fundo.

O campeão do Porto foi outro especialista das maiores distâncias, Eduardo Leite, no modesto tempo de 4 m. 33.8 s., pior do que o alcançado pelo vencedor do campeonato militar do Norte, António Carvalho, 4 m. 33 s.

Para o 2.º Portugal-Espanha, disputado na pista do Lima, foram escolhidos Almeida e Manuel Dias, a revelação do ano. Este partiu à cabeça, tentando ganhar avanço, enquanto Almeida se colava aos espanhóis; e meio percurso, Almeida passou a primeiro, retrocedendo Dias. Na última volta, o espanhol Campos acelerou e ganhou em 4 m. 19 s., precedendo António de Almeida, 4 m. 24.2 s. e o outro espanhol.

A mais importante prova da época seguinte foi a do encontro Porto-Lisboa, na qual Almeida, de novo campeão regional e nacional, conseguiu bater o recorde português, fixando-o para nove anos em 4 m. 16.6 s.

Durante a actividade de 1927 correram-se, além dos três já citados, mais quatro vezes os 1.500 metros, com os seguintes vencedores: regional do Porto, Fernando Moura em 4 m. 30.2 s.; concurso do Académico, Manuel Dias em 4 m. 25 s.; escolar do Porto, Pinto de Sá em 4 m. 48.6 s. e de Lisboa, Trigo de Sousa em 4 m. 35 s.

Os melhores homens de 1928 foram o benfiquense Henrique Carmo e António de Almeida, que entre si dividiram as vitórias principais: o primeiro ganhou o nacional em 4 m. 20.2 s. e o torneio da Figueira em 4 m. 23.2 s.; o segundo venceu no Porto-Lisboa em 4 m. 21.8 s. e no regional em 4 m. 27.2 s.

Abílio do Nascimento, que corria então pelo Belenenses, classifi-

cou-se em 2.º lugar no Nacional, estabelecendo com 4 m. 20.6 s. o seu melhor tempo.

O campeão do Norte foi António Júlio Dias, em 4 m. 30.4 s.

Em 1929 registam-se na prova de 1.500 metros dos campeonatos portugueses desagradáveis incidentes, suscitados pela exagerada rivalidade entre dois clubes concorrentes e que levaram à desclassificação do vencedor Eduardo Leite, a favor de E. Anúria (F. C. P.), o que motivou a desfiliação do Académico da APA. Este facto, agravado pelas divergências resultantes do 2.º Porto-Vigo, levaram a Associação nortenha a abolir do seu calendário o clássico encontro com os lisboetas.

O melhor tempo da época foi conseguido em Coimbra, num torneio Sporting-clubes locais, por Joaquim Alvarez (4 m. 20.6 s.), já campeão de Lisboa em 4 m. 21.2 s.

Manuel Dias ganhou o nacional em 4 m. 26.2 s. e Euclides Anúria alcançou o primeiro lugar nos dois encontros Porto-Vigo, em 4 m. 32.2 s. e 4 m. 33.6 s.

A temporada de 1930 foi muito animada pelo número de competições (6 provas), mas sem melhores resultados, pois os homens foram os mesmos em pior forma.

Manuel Dias, ainda no Sporting, terminou em primeiro no campeonato nacional (4 m. 22.4 s.) mas foi desclassificado por haver impedido a passagem a Arnaldo de Sousa no meio da corrida. Por este motivo o título foi parar a Joaquim Alvarez, com 4 m. 23.8 s.

Eis os outros vencedores: regional de Lisboa, Manuel Dias em 4 m. 24 s. e do Porto, Arnaldo de Sousa em 4 m. 32.2 s.; encontros inter-regionais de Lisboa com Setúbal, Aníbal Rodrigues em 4 m. 29.4 s.;

em Coimbra, Manuel Dias em 4 m. 20.6 s., precedendo Diamantino França, 4 m. 21 s.; e com o Porto, de novo Dias, em 4 m. 21.2 s., seguido por Arnaldo e Alvarez.

As características de 1931 foram as mesmas, agravadas. Manuel Dias, invencível na distância, esforçou-se em balde por derrubar o recorde, mas não obteve melhor do que no ano anterior (4 m. 22.4 s. no regional, 4 m. 21.4 s. no nacional, 4 m. 22.2 s. no Porto-Lisboa). Depois de acabada a temporada oficial, em Setembro, o concurso de Figueira da Foz trouxe a surpresa de uma derrota de Dias; demasiado confiante no seu valor, pretendendo travar o andamento da prova para facilitar a fuga de um companheiro de equipa, viu-se ludibriado pela tática mais hábil de Diamantino França, que se não deixou adormecer e o bateu na embalagem final por escassos centímetros. O tempo, fraquíssimo, foi de 4 m. 26.4 s., o que diz tudo.

Até 1936 a renovação de quadros pouco adiantou; Dias, Aníbal Rodrigues, Henrique Carmo de passagem pelo Sporting em 1933, Diamantino França, foram ainda os melhores deste período, durante o qual se registam três vitórias de espanhóis sobre portugueses: em 1934, no Lisboa-Madrid académico, Blanco vence em 4 m. e 30.6 s., e no Lisboa-Barcelona, Pierrer bate Aníbal em 4 m. e 24.4 s.; em 1935, em Barcelona, o mesmo volta a derrotar Aníbal, em 4 m. e 10.4 s., marca muito além das nossas possibilidades de então.

Em 1936, além dos campeonatos das três universidades portuguesas, dos regionais (Porto, João Ferraria em 4 m. e 25.8 s.; Lisboa, 4 m. e 17.2) e do nacional, organizou o Belenenses um torneio na sua pista,



Albino Martins, quando ganhou os seus primeiros campeonatos e era ainda permitido correr descalço

onde o seu corredor Matos Henriques logrou finalmente destronar, com 4 m. e 14 s., a velha marca de António de Almeida.

Durou só um ano o seu reinado, pois em 1937, no campeonato de Lisboa, um novo da época anterior, Manuel Nogueira, dava novo empurrão ao recorde, fixando-o em 4 m. e 12.4 s.; o mesmo corredor ganhou ainda o nacional e a prova dos Jogos Nacionais no Estoril.

Nogueira voltou a ser o campeão regional e nacional em 1938, com piores tempos, mas em 1939 cedeu a posição a Francisco Bastos, do Almadense, o qual, numa prova organizada em 8 de Julho por «O Século», na pista dos Saliés, desceu o mínimo da distância para 4 m. e 11 s.

A partir de então, as corridas de 1.500 metros só tiveram outro vencedor quando Bastos não saiu para a partida.

Apreceram esperançosos corredores, — como Pires de Almeida, que em 1940 foi o segundo de Bastos e em 1941 ganhou os dois campeonatos e o Porto-Lisboa porque o almadense ficou toda a temporada oficial inactivo, em virtude de uma ruptura muscular na coxa, logo na primeira prova disputada — mas nenhum conseguiu fazer sombra ao grande campeão.

Em Setembro, foram alguns corredores exibir-se a Évora e com Pires de Almeida, aureolado pelas vitórias na época, deslocou-se Bastos, que iria fazer o primeiro ensaio após a sua grave lesão. O sportingista, que jogava uma cartada arriscada, saiu-se bem dela, vencendo folgadoamente em 4 m. e 21.2 s., provocando um desabar deilusões.

De então para cá a história é fácil de verificar; os progressos em tempo têm sido pouco apreciáveis (Bastos bateu em Julho último, em Barcelona, o recorde nacional) na média, mas o número de corridas disputadas aumentou sensivelmente



Francisco Bastos, vencedor de Pires de Almeida, em 1941, numa prova em Évora

Salazar Carreira

(Continua na página 13)

A Velha rivalidade do futebol lisboeta não cansa! E ainda bem, porque ela constitui um belo e poderoso atractivo. Seja qual for a forma de ambos os grupos, qualquer deles encontra-se sempre com forças para bater o adversário...

O Sporting está a jogar bem, e alinha com o grupo completo — dizia-se antes da partida do Lumiar A. Pois é assim mesmo que nós queremos! Gostamos de vencer o Sporting com a sua linha completa — retorquiu logo a gente benfiquense.

Não há chuva nem lama que afogente os adeptos! Eles comparecem sempre, dando-se inteiramente ao jogo, uns convencidos no fim de que a derrota foi injusta, ou desnivelada; outros, querendo ainda mais bolas. E porquê? — Porque um dia, o adepto ferrenho nunca esquece nada!, o Benfica venceu por 7-2... Ou por outra razão qualquer!

Mantenha-se pura esta rivalidade, que não exclui correcção nem respeito pelo adversário. Em última análise, é o futebol que recolhe todos os benefícios.

Já não nos admira que as lutas do futebol dêem resultados que nos façam imaginar uma coisa diferente de aquilo que foi o desenvolvimento da partida. No entanto, o público, mesmo à força do repetir dos factos, continua a ficar admirado. Isto sucede por uma razão simples: o jogo da bola é a coisa mais caprichosa deste mundo, e faz actuar as duas grandes forças de um jogo, a sorte e o azar, de um modo desconcertante. Desta maneira, muitas vezes, um grupo domina e não faz goals, e o outro, em uma prega ou escapada, marca com facilidade de impressionar, dando a ideia de que tudo é muito fácil. Na verdade, a complicação do futebol, jogo aparentemente simples, claro e geométrico, resulta algumas vezes dos próprios jogadores, os quais se encarregam de pôr dificuldades onde as não há.

Se, algumas vezes, se poderá dizer que a imagem de futebol não está reflectida no score, os 6-1 do Lumiar ilustram muito bem a afirmação. É de nosso juízo que o Sporting, feitas bem as contas, se mostrou superior ao Benfica, mas as cinco bolas que o separam do adversário são um exagero. Nem os leões jogaram para tal riqueza, nem os benfiquenses revelaram tamanha pobreza. Não somos daqueles que, em todas as circunstâncias, põem o pé em cima do vencido só por ele ter perdido. Parece-nos, sinceramente, que o Benfica pôs em campo um razoável jogo de conjunto, mostrando-se equipa sabedora e com indiscutíveis dotes de rapidez, elasticidade e gosto de combate.

Não há dificuldade, afinal, em dar uma ideia do encontro! Na primeira parte, apesar dos 3-1 favoráveis aos sportinguistas, fez-se jogo nivelado, com fases alternadas de domínio, ora numa ora noutra metade do rectângulo. Acção e reacção são palavras que reflectem o comportamento das equipas.

Entretanto, ao chegar o intervalo, o Sporting estava numa situação verda-

deiramente privilegiada, e ao conquistar a quarta bola, no limite do quarto de hora inicial da segunda parte, havia resolvido definitivamente o problema. Parece, à primeira vista, que, nestes factos, há contradição. Como é que um futebol, relativamente equilibrado, pende tão nitidamente para um dos lados?

A questão não tem nada de transcendente! O futebol é constituído por determinado traçado, e todas as triangulações como perpendiculares visam uma finalidade última: fazer com que a bola perfure certa área que se recorta no espaço e está limitada pela madeira das traves. Ora, enquanto que, da parte do Benfica, se registou grande incapacidade de remate, os rematadores dos leões puderam ganhar o desafio... De Jesus Correia a Albano, o Sporting dispôs hoje de unidades que dispararam com força e direcção. Tinham o pé afinado no Lumiar. O triunfo do Sporting é, portanto, menos de jogo, e muito mais vitória dos chutadores...

Nem na altura em que o problema se pôde considerar solucionado, o Benfica deixou de se aplicar a fundo. Justiça se lhe faça!

O leam tinha só uma probabilidade de vencer, a qual consistia em atacar. Atacar sempre, pois, em determinadas hipóteses, tanto faz perder por 4 como por 6. Se, na sua insistência e nas suas incursões, os vermelhos têm sido felizes e uma bola culminasse o seu esforço, era possível que o rumo do jogo sofresse ainda alteração. Tal não aconteceu, pois, de uma vez, na chamada oportunidade de goal feito, um grande guarda-redes não se deixou bater... Azevedo, eis tudo!

Com o Benfica ao ataque, o Sporting não se desorganizou na defesa, mantendo as forças suficientes no ataque para, de surpresa, cair a fundo, e explorar devidamente o perigo que sempre representam os contra-ataques. As duas últimas bolas sportinguistas são um perfeito espécime destas jogadas.

O desafio decorreu, apesar do resultado, com muito interesse, e deus-nos lances de beleza e emoção. Chega a parecer impossível como em lamaçais se consegue jogar tão bem, embora haja quem tenha a opinião de que os jogadores portugueses ainda não conhecem as primeiras letras. O Sporting alinhou completo; ao Benfica faltou Rogério, uma das suas vedetas, com o mal de uma distensão que parece facilmente curável.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Baptista e Claro.

Domingos Miranda fez uma arbitragem de boa nota. Mas é justo que se diga que os jogadores, de um e do outro lado, não praticaram jogo feio. Nem um Benfica-Sporting o merecia!

Tavares da Silva



Azevedo reapareceu, e a sua presença influiu no rendimento da equipa. O guarda-redes nacional executou algumas defesas de grande categoria. Neste lance, Cardoso, auxiliado por Azevedo, procura evitar a entrada de Arsénio.

OS «LEOES» EM CARREIRA TRIUNFANTE NO LUMIAR, SPORTING 6 — BENFICA 1



Nem a chave afesta o público do Lumiar A! Manuel Marques aguarda oportunidade de intervir, mas tudo indica que a bola posse o limite do rectângulo.



Três fases do jogo: à direita, Martins deixou passar a bola, mas a ela voltou-o de novo tento; ao meio, Manuel Marques interrompe Arsénio; em cima, Canário evita a entrada de Baptista.

Derbe

CHAPELARIA E CAMISARIA

Avenida Almirante Reis, 10-C.
Telefone 43482 — LISBOA



O conjunto de voleibol do Clube Desportivo Nacional, do Funchal, que há 2 anos consegue triunfar sem derrotas: Óscar Henriques, Rui Henriques (cap.) e Franklin Lopes, da esquerda para a direita, no 1.º plano; no segundo plano — António Gonçalves, José Fernandes e Jaime Freitas



A equipa do Sport Clube Grandolense, que tem obtido bons resultados: No 1.º plano — Luis, Terruta, Vital, Augusto, Hermínio e Baptista; no 2.º plano — Sardinha, Barradas, Aprigio, Espada 2.º, Beijinha, Joaquim e Espada 1.º

UMA SUGESTÃO...

AS BOLAS DA VITÓRIA

Quando o Sr. Wiltshire, na sóbria elegância do seu equipamento e gesto autoritariamente coninciente, deu o sinal de terminada a partida, ficámos presos de emoção a rememorar, num ápice, a beleza dos noventa minutos mais históricos do futebol português. Dali em diante, tinha-se fundido para sempre, no incógnito do estanho, a frase que as linotypes não tinham já necessidade de compor: «o jogo que nunca vencemos».

Tinhamos ainda na frente o formoso tapete do nosso arquitectónico Estádio, e na mente bailavam-nos, como em écran de projecção cinematográfica, as cintilações de virtuosismo que aquela formação atacante nacional impusera, de vez, ao nosso mais caro adversário, quando nos transportámos a essa província fora, em reminiscência das equipas que por ela singram, amparadas pela força da carolice de sempre, — meia dúzia de sacrificados. Transportámo-nos nessa reminiscência, para quê? Para nos lembrarmos de como o futebol português terá de ampliar, sempre e sempre, a sua expansão, porque já não pode parar na sua marcha ascensional. Hoje, podemos afirmar, sem reboço, que a mais querida das nossas modalidades desportivas possui estofos suficientes para sofrer confrontos, sem desprimor, com as que mais valem. Mas para que esse estofos cresça em aperfeiçoamento, impõe-se que a obra de profundidade do futebol português tenha cada vez maior e melhor alcance.

Dai, o chegarmos, de um fôlego, à ideia que nos sugeriu estas fugidias linhas. A Federação Portuguesa precisa de deixar assinalada a data mais histórica do futebol português e quererá fazê-lo decerto; mas os seus directivos talvez não saibam que, se pudessem ofertar a todos os clubes filiados da província, mormente aqueles que disputam provas oficiais, 3 ou 4 bolas, prestaríamos à maior parte deles um inestimável serviço. E que muitos deles deixam por vezes de treinar, porque não possuem, no tempo actual, três centenas de escudos para disporem das bolas suficientes a um treino elementar!

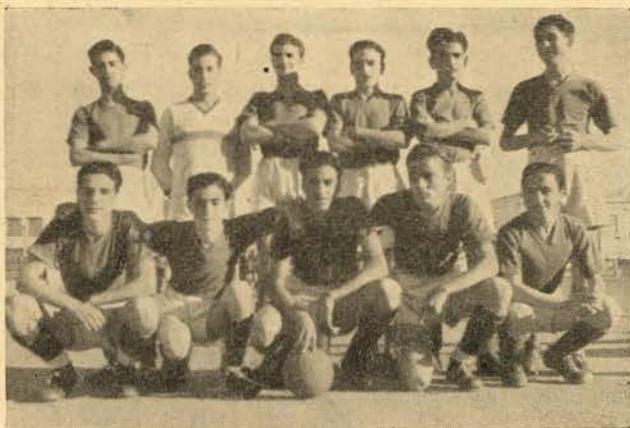
Querirão, portanto, os nossos federalivos registar a festiva data com uma larga dádiva a todos os clubes, por esse país fora?

Se o quiserem, creiam, lerão prestado a melhor ajuda que mais latamente poderiam fazer aos pequenos clubes, donde têm saído os maiores jogadores portugueses, onde eles ensaiaram os passos primários da sua carreira, porque os pequenos clubes são os verdadeiros viveiros do futebol português.

Foram 3 as bolas da vitória. Que simbolismo útil e interessante se elas fossem entregues a cada «onze» que, quantas vezes, abre subscrições entre sócios porque precisa comprar uma bola para o jogo do domingo seguinte!...

Maximiliano Rato

Stadium na Província



Um grupo do Liceu de Beja, representantes do 2.º ciclo, e que nos campeonatos locais alcançou excelentes resultados



O Sport Clube Tipográfico, de Angra do Heroísmo, tem efectuado excelentes desafios contra adversários de boa categoria. Este conjunto pensa deslocar-se brevemente para S. Miguel, e por certo agradecerá muitíssimo aos micelenses

Uma equipa de futebol

é composta por um guarda-redes, dois defesas, três médios e cinco avançados
É fantástica qualquer alteração

LONDRES, FEVEREIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

O mais que for possível, procuraremos ligar os assuntos do desporto nacional a muitos outros da velha Inglaterra, mas sempre com o firme propósito de contribuir para esclarecer, nunca promovendo ou alimentando questões. Estas nunca nos poderiam interessar, de mais a mais existindo no nosso país dois blocos em oposição firme e cerrada, uma espécie de W. M. jornalístico...

Mes como os jogadores de futebol esperam que as coisas se resolvam, a fim de saberem depois que letras devem soletrar, ou mesmo se já não é preciso conhecer as particularidades do alfabeto, fomos entretanto da maneira como nos jornais lusitanos tem aparecido a composição dos grupos.

Por todos é sabido que os grupos de futebol são compostos por um guarda-rede, dois defesas, três médios e cinco avançados. Estes sectores, como igualmente se não desconhece, aparecem separados, por ordem já convencional, — o guarda-rede, primeiro; os dois defesas a seguir, os médios no seu departamento e os avançados por fim, evidentemente.

Um exemplo, tomando como base a composição do grupo nacional, que recentemente jogou contra a Espanha:

Capela

Cardoso Feliciano
Amaro Moreira - Francisco Ferreira
Jesus Correia Araújo - Peyroteo -
Travassos Rogério

Em nossa modesta opinião, observe-se aqui, sem qualquer motivo para crítica, verdadeira disciplina

na composição de um grupo de futebol. Mas, em alguns jornais que nos chegaram às mãos, encontramos um guarda-rede, três defesas, dois médios e cinco avançados. Alterou-se em Portugal a disposição do «conze», e confessamos a nossa surpresa, pese a tudo quanto se faça como imitação, aqui ou fora daqui.

Poderão dizer-nos que o defeso esquerdo português marca o avançado centro contrário. Mas nem por isso é médio centro! Em Inglaterra, o médio centro é terceiro defeso ou 6.º avançado, conforme as tácticas, mas ocupa o seu lugar na formação da equipa, e esta deverá ter sempre: um guarda-rede, dois defesas, três médios, cinco avançados... Nem a «fifa» legislou em contrário.

Em toda a vida do futebol jogou um defeso, esquerdo ou direito, a impedir os remates e o jogo do avançado centro. Sempre vimos, em

Portugal e aqui na Inglaterra, rápidas ou persistentes mudanças de lugar mais ou menos de acordo com as exigências do jogo. Logo, salvo melhor opinião, é por certo complicativa a ideia de alguns distintos jornalistas portugueses, tão complicativa como o rumo que se está dando à discussão e sobre o W. M.

E não é justo. Os ingleses, criadores do futebol, e a despeito de apreciações associadas e contundentes acerca do seu valor àqueles que o exibem com nítido sentido táctico e técnico, alinham sempre fiéis às regras estabelecidas. Há um guarda-rede, dois defesas, três médios, cinco avançados... Daqui não se joga. A função do defeso pode ser distinta, mas nem por isso deixa de ser defeso, sempre a maior pedra de apolo do guarda-rede; o médio centro terá um papel «especial», mas nunca lhe tiram as suas obrigações de coordenador, verdadeiro pulmão da equipa, homem que filtra o jogo como deve ser, dirigindo o ataque ou auxiliando a defeso.

Por outras palavras: Feliciano pode vigiar o avançado centro — mas sempre defeso; Moreira, na sua frente, embora mais desviado, no propósito de deixar terreno para manobrar ao seu colega de flanco, — nunca deixará de ser médio centro. A posição adelantada de Feliciano não justifica a alteração.

De resto, se fôssemos a defender o critério, quando um grupo ataca sempre, esmagadoramente, teríamos de apontar as linhas por esta ordem: — o *team X* jogou este encontro apenas com um guarda-rede e 10 avançados... Ao contrário: o *team Y*, que enfrentou o *team X*, alinhou com um guarda-rede e 10 defesas... »

Mas a alteração ainda se prestava a outras situações não menos humorísticas. Sabemos todos que um grupo pode ser verdadeiramente igual quando alinha. Mas depois de principiar o jogo — é conforme o adversário deixa. E então, os jornais teriam de afirmar: — o *team X* principiou com um guarda-rede, dois defesas, três médios, cinco avançados; depois, aos tantos minutos, passou a ter um guarda-rede, três defesas, dois médios, cinco avançados; aos tantos e tantos, um guarda-rede, 6 defesas, três médios e um avançado; e acabou com... onze guarda-redes! » Da para tudo.

Porque, demais se sabe que se o conjunto deixa dominar o sistema contrário, não há colocação certa e tudo se remete à defeso ou ao ataque, sem linha definida. Teríamos de inventar uma formação para cada grupo... E quando os críticos não estivessem de acordo, o que vulgarmente sucede?

Passaríamos a ler num jornal: «o *team X* jogou com um guarda-rede, um defeso, dois médios e sete avançados». E no outro: «Mentira! O *team* jogou mas foi com um guarda-rede, oito defesas e dois avançados!». E por aí além. Pior que a discussão sobre o W. M., que não elimina, bem ou mal executado, a existência de: um guarda-rede, dois defesas, três médios e cinco avançados.

Podem dizer-nos: «faça lá um W. e veja se nas extremidades das linhas não encontra 3x2». Tudo certo. Rigorosamente certo. Mas a função de cada jogador, senhores, a «função», repete-se, é distinta no futebol de W. M. Voltemos à equipa nacional para compararmos. Cardoso é defeso direito, jogando como tal, sobre o extremo esquerdo, sem as exigências particulares do passe, da ligação, embora o deve tentar. Tem Amaro para isso. Feliciano, é de esa esquerdo, marcando o avançado centro, mas sem obrigações de coordenador, como o médio-centro (Moreira) — se não puder ou souber; e Francisco Ferreira, médio esquerdo, embora vigiando o extremo direito, estilo defensivo, tem obrigações diferentes do defeso direito! E aqui é que está o busilis... O médio esquerdo tem de girar, deve pelo menos saber «girar». A defeso vem muito jogador: — os médios, os avançados, mais os interiores, evidentemente, — mas nem por isso, um *team* de futebol deixa de ser composto por: um guarda-rede, dois defesas, três médios, cinco avançados... A «função» de cada um, no W. M., é mesmo essa! Em Inglaterra, pelo menos — e nós acreditamos no futebol Inglês.

Mas o assunto dá para novo comentário. Deixemo-lo de lado para o próximo número. Antes, não se perca de vista o papel de médio esquerdo no W. M.

Pensem os pre zados leitores um bocadinho nele... Os leitores e os médios esquerdos, evidentemente!

F. M.

Ano V — 11 Serie — N.º 220
Lisboa, 19 de Fevereiro de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19-3.º

Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁFICA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

ATLETISMO

(Continuação da página 9)

(8 em 1945 e 7 em 1946), o que é seguro elemento de expansão e estímulo para melhoria.

Para completar este resumo de apêndice de factos vamos dar de seguida a lista dos corredores portugueses, doze que desceram aquém dos 4 m. e 20 s., os quais são: Francisco Oliveira Bastos (Sporting) 4 m. 9,2 s., em 27-7-46; Manuel Nogueira (Bel.) em 18-7-37 e Umberto Bastos (Sp.) em 27-7-46, 4 m. e 12,4 s.; Manuel Pires de Almeida (Bl.) 4 m. e 13,6 s., em 26-7-42; Augusto Matos Henriques (Bl.) 4 m. e 14 s., em 28-8-36; António de Almeida (V. S.), 4 m. e 16,6 s., em 17-7-27; Manuel Dias (Bl.) 4 m. e 17,2 s., em 2-7-32; Jorge Azevedo (So.) 4 m. e 18,7 s., em 8-7-42; João Silva (Bl.) 4 m. e 19,2 s., em 23-6-45; Angelino Pinho (Bel.), 4 m. e 19,4 s., em 18-7-37; Aníbal Rodrigues (So.), em 18-7-37 e António Ferreira (S.), em 10-8-40, ambos 4 m. e 19,8 s.

E para concluir a indicação dos campeões nacionais: 1911-12-14 — Matias de Carvalho (So.) em 4 m. e 56,6 s., 4 m. e 36, e 4 m. e 42,8 s. 1914-15 — Francisco Rocha (Cif.), sem tempo registado e em 4 m. e 49,8 s.

1922 — Albano Martins (Sp.), 4 m. e 27,8 s.

1923 — António Pinto (V. S.), 4 m. e 30,2 s.

1924-25 — José Maria Marques (V. S.) 4 m. e 26 s., e 4 m. e 38,4 s.

1926-27 — António de Almeida (V. S.) 4 m. e 25,8 s., e 4 m. e 19,4 s.

1928 e 1933 — Henriques do Carmo. (Bl. e Sp.), 4 m. e 20,2 s. e 4 m. e 29 s.

1929-31 e 32 — Manuel Dias (Sp., So. e Bl.) 4 m. e 26,2 s., 4 m. e 21,4 s. e 4 m. e 17,2 s.

1930 — Joaquim Alvarez (Sp.), 4 m. e 23,8 s.

1934 — Diamantino França (V. Coimbra), 4 m. e 24,2 s.

1935 — Carlos Correia (Bl.), 4 m. e 22,2 s.

1936 — Matos Henriques (Bl.), 4 m. e 16,8 s.

1937-38 — Manuel Nogueira (Bl.), ambas as vezes em 4 m. e 15,5 s.

1939, 40, 45 e 46 — Francisco Bastos (Alm. e Sp.) em 4 m. e 18,2 s., 4 m. e 14 s., 4 m. e 13 s., e 4 m. e 24 s.

1941, 42 e 44 — M. Pires de Almeida (Bl.). 4 m. e 15,9 s., 4 m. e 15 s. e 4 m. e 19,8 s.

1943 — Coutinho Monteiro (Ac.), 4 m. e 29,3 s.

Resumo por clubes: Sporting, 11 títulos; Benfica, 6; Vendedores de Jornais, 5; Belenenses e Internacional, 3; União de Coimbra, Almadense e Académico, 1.

C. C.



O guarda-redes elvense, Semedo, embora com um adversário próximo, defenderá com segurança



Os avançados setabalenses procuram enrolar os defesas de Elvas. Desta vez não houve perigo

Nova vitória do ELVAS

E' sempre difícil jogar no campo do adversário. E quando o adversário, como o Elvas, já dá boa conta de si — pior um pouco...

Alinharam:

Elvas — Semedo, Rana, Neves, Oliveira, R-belo, Toninho, Aleixo, Massano, Patalino, Virgílio e Rosário.

Vitória S. — Baptista, Pereira, Montês, Figueiredo, Rendas, Pacheco, Campos, Nunes, Viegas, Cardoso Pereira e Passos.

Árbitro — Francisco Garcia, de Lisboa.

Os setabalenses conseguiram chegar a 4-3 depois dos campeões de Portalegre terem feito 2-0, 3-1 e 4-2. E mesmo nesta altura da superioridade manifesta dos encarnados, puderam os campeões da Associação vizinha de Lisboa

dar provas de conhecer os segredos do futebol.

A equipa de Elvas, animosa e rematadora, não se deixou perturbar pela boa rede ofensiva dos visitantes. Patalino magoou-se, mas nem assim o seu grupo baixou bandeira, dando muito que fazer a Baptista e aos dois defesas de Setúbal, que cumpriram de princípio a fim do encontro.

A formação sadina teve no departamento defensivo o sector mais firme. Só assim conseguiu interromper a vivacidade elvense, onde Patalino se desfez de vigilâncias, a despeito da lesão que o apouquentou. O *team*, todavia, não desmereceu. O futuro o dirá.

Entre os vencedores — Patalino, Aleixo, Virgílio e Rosário cumpriram. Rana e Semedo, regulares. Nos vencidos — O trio da retaguarda, como acima se disse, Campos e Cardoso Pereira.

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

Vila Real, União de Coimbra e "Cuf" do Barreiro conseguiram os melhores resultados da jornada

Eis os resultados gerais do último domingo:

Grupo A — 1.ª série: — Flaviense-Celoricense, 2-2; Flaviense-Mirandela, 3-2; Vila Real-Sp. Lamego, 10-1.

2.ª série: — Leixões-Vianense, 4-0; Lega-Monção, 3-1; Ramalense-União Paredes, 2-2.

3.ª série: — Salgueiros-Sporting Fafe, 3-3; Gaia-Avintes, 2-1; Oliveira Douro-Aves, 1-0.

4.ª série: — Sp. Braga-Candal, 4-0; Infesta-Gil Vicente, 2-3; Ermezinde-Académico, 3-5.

5.ª série: — Beira Mar-Acad. Viseu, 3-0; S. L. Viseu-Sp. E-pinho, 0-6; Ovarense-Cornimbricense, 3-0.

6.ª série: — União Coimbra-Anadia, 10-0; Marilvas-A. Naval 1.º de Maio, 1-2; Oliveirense-União Lamas, 3-0.

7.ª série: — Ginásio Alcobaca-Ferrovários (*); Leões de Santarém-União Operária, 2-1; Oriental-At. Marinense, 8-0.

8.ª série: — Nazarenos-Operário Vilafranquense, 2-1; Matrense-Sacavenense, 1-1; Bombarralense-Alhandra, 4-0.

Grupo C — 9.ª série: — Águia Vilafranquense-Rossiense, 5-0; Peniche-Casa Pia A. C., 2-3.

10.ª série: — Seixal-Operário, 2-4; Amora-Unidos de Montijo, 1-6.

11.ª série: — União Sesimbra-Arroios (*); Ginásio Sul-Cuf de Lisboa, 0-6.

12.ª série: — Luso Barreiro-União Montemor, 3-2; Aldegalense-Palmense, 2-3; Barreirense-Lusitano Evora, 5-1.

Grupo D — 13.ª série: — Gouveense-Sp. Covilhã, 1-4; Covilhenses-Egitaniense, 3-1.

14.ª série: — Sp. Campomaiorense-Juventude, 1-3; Portalegrense-Sp. Elvense (*).

15.ª série: — União Beja-Ateu Reguengos (*); Cuf Barreiro-Piense, 15-0; Luso Beja-Moura A. C. (*).

16.ª série: — Lusitano V. R.-Boa Esperança, 6-1.

(* Adiados devido ao mau tempo (*).

As vitórias do Leixões sobre o Vianense, o empate do Sporting de Fafe no campo do S. Igueiros, a derrota do S. L. e Viseu em Fontelo, frente ao E-pinho, a superioridade manifesta do União de Coimbra, Vila Real, «Cuf» do Barreiro, «Cuf» de Lisboa e Oriental, e ainda o facto do S. L. e Castelo Branco comandar a sua série, merecem especial referência.

A primeira volta foi já concluída em várias séries. O Académico do Porto tem mais um ponto que o Sporting de Braga; o Beira Mar dirige as operações, na sua série, o mesmo sucedendo ao Barreirense, S. L. C. Branco, S. C. Fafe e Lusitano de Vila Real. Isto quanto aos grupos que já concluíram a 1.ª volta.

BALANÇO

da Jornada n.º 9

A jornada número nove da Primeira Divisão foi disputada em péssimas condições de tempo. A chuva caiu em quase todos os pontos, ou no decorrer ou antes dos encontros, deixando os campos enlameados e com poças de água. O jogo ressentiu-se de semelhantes condições, dificultando a acção dos jogadores especialmente no futebol raso, e obrigando-os a maior dispêndio de energias. Os jogadores deram pelo último apito do árbitro soltando um ah! de alívio. O tempo influíu igualmente nas assistências. Os resultados apurados foram os seguintes:

Sporting	6	—	Benfica	1
Belenenses	...	4	—	Estoril	0
Atlético	2	—	Vitória G.	0
Porto	6	—	Sanjoanense	...	0
Elvas	4	—	Vitória S.	3
Famalicao	2	—	Olhanense	3
Académica	...	4	—	Boavista	3

Todas as partidas merecem uma palavra de aplauso no que diz respeito à maneira da sua disputa. Tantos desafios quantas competições, enérgicas e renhidas, em que os vencidos souberam vender como deviam a derrota, e em que os vencedores conquistaram os louros à custa de sacrificios e generosidade!

Os números significam nitidamente luta árdua e áspera. Em Coimbra, Famalicao, Elvas e na Tapadinha, o problema decidiu-se com as maiores dificuldades, e mesmo nos últimos instantes. Em arranços vigorosos, os vencedores souberam cair a fundo no momento derradeiro, e quando o resultado parecia feito...

Já nas Salésias e no Estádio do Lima, Belenenses e Porto, respectivamente, dominaram de modo amplo, conseguindo arrancar os pontos da Tabela com relativa tranquilidade, não obstante a acção desenvolvida pelo Estoril e pelo Sanjoanense.

O desafio de maior importância, não só pela categoria dos antagonistas como pela influência exercida na classificação geral, disputou-se no Lumiar A, e resultou (pese a todos os factores!) uma exibição agradável de futebol.

No fim da jornada número nove, a classificação encontra-se estabelecida da seguinte maneira:

Sporting 16 pontos, 8 vitórias e 1 derrota, 48 bolas contra 18; Porto 12, 7 vitórias e 3 derrotas, 30 bolas contra 15; Académica 11, 5 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 19 bolas contra 28; Estoril 10, 5 vitórias e 4 derrotas, 36 bolas contra 19; Benfica 10, 5 vitórias e 4 derrotas, 29 bolas contra 25; Olhanense 10, 5 vitórias e 4 derrotas, 21 bolas contra 27; Belenenses 9, 4 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 18 bolas contra 12; Vitória de Setúbal 9, 4 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 18 bolas contra 14; Vitória de Guimarães 9, 4 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 16 bolas contra 18; Atlético 9, 4 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 17 bolas contra 22; Elvas 8, 4 vitórias e 5 derrotas, 28 bolas contra 25; Boavista 7, 3 vitórias, 1 empate e 5 derrotas, 19 bolas contra 23; Famalicao 5, 2 vitórias, 1 empate e 6 derrotas, 21 bolas contra 35; e Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 8 derrotas, 5 bolas a favor e 44 contra.

Se a cabeça continua a ser do mesmo clube (Sporting), e com maior firmeza, pois agora só o Porto apresenta menos 4 pontos, por causa da decisão do Benfica para 5.º, os postos de perseguição sofreram sensível alteração, Porto em 2.º, Académica em 3.º e Estoril em 4.º lugar. Quer dizer, Lisboa perdeu terreno em relação à Província, que vê, agora, uma das suas equipas, a Académica, num lugar de honra. Nos 6 melhores lugares, três são ocupados por representantes de Lisboa e três por concorrentes da Província.

O Belenenses melhorou um pouco, subindo dois degraus. Os Vitórias desceram, e também o Boavista. A posição dos restantes clubes é mais ou menos a mesma. A competição atingiu o ponto culminante!

As rixas entre irmãos não devem ultrapassar a boa medida

Madrid, especial para «Stadium», de RAMON MELCON



RAMON MELCON

O mais sensato que se escreveu sobre o desafio Portugal-Espanha de 26 de Janeiro foi publicado no diário desportivo «Marca», de Madrid. E não foi um espanhol o autor do artigo, mas um português, um verdadeiro desportista português, que, com mais razões do que outros para se expressar com alguma paixão, por causa do cargo de grande responsabilidade que desempenha, soube subtrair-se a toda a influência do ambiente, para expor, clara e limpidamente, a verdade do que se passa à volta do grande encontro de futebol.

Tavares da Silva foi o homem que disse, em poucas palavras, as maiores verdades: todos, ou quase todos, em Portugal e em Espanha, disse o seleccionador nacional português, deixaram-se levar pela paixão. Na imprensa de ambos os países fizeram-se declarações mais ditadas por essa paixão, cega e desenfreada, que por um equilibrado desejo de fazer justiça. Há que fazer quanto esteja ao nosso alcance, jornalistas espanhóis e portugueses, para que o desporto não seja, se se exorbitam as coisas, uma fogueira que destrua as boas relações entre dois países irmãos, mas seja pelo contrário um motivo mais de aproximação entre duas raças seculares, como são as dos dois grandes países ibéricos.

Estamos todos de acordo com Tavares da Silva. As boas e cordiais relações, há muito existentes entre Portugal e a Espanha, não podem ser ameaçadas só porque um mal-entendido patriotismo de alguns cronistas, mais atentos a exaltar os seus leitores do que a dar-lhes calma em suas intencionais interpretações dos factos, venha a produzir aborrecimentos entre duas nações irmãs.

Todos devemos compreender a gravidade da questão. É necessário, imprescindível, um permanente contacto desportivo — o mesmo que acontece noutros aspectos da vida — entre os homens de aqui e de ali. As terras banhadas pelo Tejo e Douro devem sa-

ber que, num e noutro lado, há irmãos que se amam do coração, que têm grande honra em medir forças, sua destreza e habilidade na prática dos vários jogos desportivos. E esse contacto não poderá manter-se sem perigo de males importantes se há quem não cuide de medir o alcance das suas frases e dos seus escritos.

O que aconteceu, bem visto, tem uma explicação. Vinte e cinco anos sem conseguir uma vitória sobre as equipas nacionais de Espanha em futebol, haviam enervado os portugueses de tal modo que o 4-1 do Estádio Nacional provocou a reacção, originando vulgar entusiasmo. E esse entusiasmo, verdadeira paixão, deu lugar a que houvesse quem, sem se deter a considerar a importância das suas palavras, agradasse o adversário, que não fizera outra coisa do que lutar com nobreza em busca de novo triunfo, que, aliás, não chegou.

Isto, pelo lado português. Em Espanha, como ocorreria em qualquer outro país em caso análogo, interpretaram-se essas declarações como um desafio, e de aí todo o resto... Surgiram os comentários mordentes, as frases para molestar. E, por ocasião das partidas do S. Lourenço de Almagro, houve quem aproveitasse a oportunidade para devolver as cuteladas e para concluir que o futebol português era uma coisa sem consistência alguma.

E, aqui e ali, comenta-se levemente o que diz o vizinho, sem querer compreender-se que em uma e outra parte se cometem análogos erros, se fazem desconsiderações ao vizinho, e pretende-se manter, por cima de toda a razão, uma supremacia dialéctica que a nada conduz.

Portugal e Espanha são, nem mais nem menos, dois irmãos da mesma raça. Qualquer questão, por ínfima que seja, irrita a gente que exageradamente perspicaz, vê em cada frase e acção de vizinho — do irmão — um desejo intencional de molestar e ferir, mesmo que aquelas sejam ditadas por nobre intenção. A resposta surge; replica-se da outra parte... e de isto à rixa de irmãos não há mais do que um passo que jamais deve dar-se. E se se dá, se algum insensato se excede em suas malévolas ou levianas manifestações, o pai deve impor a sua autoridade e fazer ver ao culpado o erro do seu procedimento. Esse pai é, neste caso, a razão, o bom senso da maioria, aqueles que têm sobre si a responsabilidade dos seus actos e a cujo critério terão de subordinar-se aqueles que buscam *sensacionalismos* estúpidos à custa de desgostos entre os dois povos.

Um desafio de futebol não tem mais importância do que aquilo que representa: uma pugna desportiva. Ganha um ou outro dos antagonistas. Bem. Depois, ambos se preparam para o próximo en-

contro; um, com desejos de não perder a momentânea supremacia; o outro, estimulado pelo valor do contrário, querendo conquistar por sua vez o triunfo. Mas um e outro sem o menor impuro desejo, sem rancor, com a alegria e satisfação com que jogam as crianças, de quem tanto os velhos têm que aprender.

Esqueçamos tudo que é indigno de uma recordação amável e carinhosa. Avivemos, em contraste, o muito que se disse com sensatez e imparcialidade — que foi como procedeu a maioria — e não caíamos no erro de prestar mais importância a um pecador do que a cem justos. E todos, impensas, jogadores e adeptos, tomemos a resolução firme de não apreciar com malévola intenção as opiniões do vizinho. Embora seja da condição humana ver má-fé nos outros e nobreza em nós-próprios!

Espanha e Portugal, Portugal e Espanha são, e devem continuar

a sê-lo, ante o mundo inteiro, os dignos representantes de uma raça forte, decidida, valente, audaz e orgulhosa, que sabe conquistar continentes e descobrir novos mundos, entregando generosamente o seu sangue e a sua vida para servir a civilização cristã, mas que se ergue soberba quando supõe, basta isso, que alguém pretende ofendê-la com o mais pequeno chiste ou burla. E esse é o caso de agora: os irmãos gastaram *bromas*. Procuramos todos que as coisas não tomem um carácter mais sério. Dissemo-lo antes: depois de uns golpes, equitativamente distribuídos, esses irmãos voltaram à razão quando o pai impôs a ordem. E, num momento, puseram-se a jogar juntos, sem receios nem rancores, com a nobreza de quem tem uma alma grande. E com o amor dos que, desde que nasceram, conviveram e sentiram conjuntamente penas e alegrias. — R. M.

REFLECTINDO...

A piscina do Boa-Hora

Muito se tem escrito sobre piscinas. É tão vasto o gama de opiniões expressas sobre o assunto, que se vê perfeitamente desorientado quem pretenda sintetizar, em dois traços, qual o juízo dominante. E há tanta diversidade...

Uma coisa, porém, está fora de discussão: Lisboa reclama a construção de piscinas. Esta é, sem dúvida, a ideia base que preside ao debate do problema.

A forma prática de o realizar é que varia. Surgem, então, os mais variados critérios, como consequência lógica e natural do ponto de vista em que cada um se coloque, ou que seja mais do seu simpatia.

Infelizmente, porém, não se consegue, ainda, passar do campo teórico da discussão do problema à realização prática do mesmo, fosse qual fosse o critério adoptado, fosse qual fosse a tese — chamemos-lhe assim — a seguir. E Lisboa continua sem uma piscina digna desse nome, sem, ao menos, um tanque de dimensões regulamentares. Mas continua, também, — esse aspecto do problema, ainda não tocado, é particularmente curioso — sem tirar partido, como seria para desejar, de certos locais já existentes, como, por exemplo, da piscina do Instituto Superior Técnico.

E o caso toma, assim, um aspecto um tanto paradoxal: reclamam-se piscinas, e votam-se ao ostracismo as já existentes.

Mes... não queremos de modo algum embrenharmo-nos na selva vasto de assunto bem mais vasto ainda, mormente num meio como o nosso, em que as opiniões abundam...

Não. O objectivo deste artigo

é bem mais modesto. Sugeriu-o a curiosidade reportagem vinda recentemente a lume nestas colunas sobre esse tão simpático Boa-Hora, colectividade simples, de gente simples e trabalhadora de um bairro laborioso. Ora o Boa-Hora tem um plano grandioso de realizações, qualquer coisa de magnífico, de superior ao que é vulgar no nosso meio. Só por isso — se mais não houvesse — mereceria uma saudade especial. Mas há mais, felizmente. Do seu parque de jogos fará parte uma piscina de dimensões regulamentares (25x15 metros), pormenor que nunca é demais pôr em relevo. Esse pormenor — permite-se-nos a designação — é a razão de ser destas linhas. E é a razão de ser destas linhas por dois motivos: primeiro pelo que a ideia representa em si. Esta coisa que surpreende e encanta: ver um clube como o Boa-Hora incluir no seu parque desportivo uma piscina. Depois, o que essa piscina pode contribuir para a difusão de uma modalidade a todos os títulos excelente, numa zona consideravelmente populosa da cidade.

Os dirigentes do Boa-Hora encontram-se animados dos melhores desejos. As entidades oficiais promoveram o seu apio material. Tudo parece conjugar-se, pois, para que as instalações do prestante Boa-Hora sejam uma realidade. Oxalá. E que dentro em breve, a simpática colectividade da rua Aliança Operária nos possa dar essa lição admirável de persistência, de boa visão, de compreensão das necessidades actuais do desporto — inaugurando a sua piscina de 25 metros.

Abreu Torres

em problemas de Xadrez

O Torneio que, desde Agosto último, põe os novéis problemistas da Península nesta curiosa competição, atíngia já a sua etapa decisiva: o exame dos juizes que ditarão o veredicto!

Um «match» singular, realmente!

Não se trata duma pugna espectacular, mas apenas de um esforço isolado e ignorado de cada compositor, na ânsia de compor algo de perfeito e artístico, para que do valor global das composições resulte a melhor classificação da equipa!

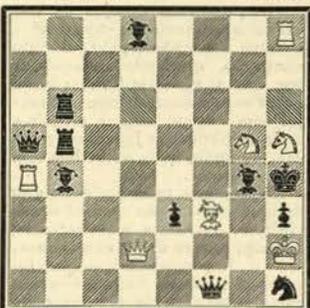
A mecânica é simples! Portugueses e espanhóis propuseram um tema de mate em dois lances, comprometendo-se a apresentar 12 problemas — 6 do Tema Portugal, 6 do Tema Espanha, e, ainda, 4 problemas mais, para o efeito de eventuais substituições. O tema proposto pelos nossos era original: (uma peça branca pregada deve dar dois mates, um por movimento próprio e outro por bateria (mate a descoberto). O tema espanhol assentava em ideias mais modernas: As pretas devem desprejar uma peça branca, que dará mate abrindo uma linha branca e cerrando outra.

Foram nomeados dois juizes — J. Seilberger, holandês, proposto por Portugal, e C. S. Kipping, inglês, indicado pela Espanha. O conhecido problemista britânico, G. F. Anderson, que reside actual-

C. S. Kipping

S. E. P. A. 1946

(Inglaterra)



mente no nosso país, aceitou o cargo de «intermediário», que consiste em receber os problemas dos seleccionadores de ambas as equipas, imprimi-los em diagramas uniformes, remetê-los então aos juizes, tudo debaixo do maior sigilo. Compete-lhe adiccionar a pontuação conferida por cada juiz e anular o resultado final.

Neste momento, Mr. G. F. Anderson é o único homem que pode calcular as probabilidades de vitória para qualquer equipa! E o único que conhece a paternidade dos problemas que, sem indicação de espécie alguma, envia para Hala e Wednesday.

Por quanto tempo ignoraremos ainda o resultado desta estranha prova? Não sabemos. Geralmente, os exames são demorados, estes mais ainda, talvez, pois J. Seilberger e C. S. Kipping, individualmente, deverão classificar, por ordem de valores, 32 problemas — e isso não é tarefa fácil!

Pode calcular-se a impaciência da nossa «alicer» problemística, ante a perspectiva de termos de aguardar uns quatro ou cinco meses, se não mais, para conhecermos enlim o resultado de tanto labor. O prazo fixado para o período de composição fora de 3 meses, mas por acordo entre os seleccionadores, Rui Nascimento, português, e A. F. Arguiles, espanhol, foi prorrogado por mais 60 dias. Foram 5 longos meses, em que, de parte a parte, se consumiram horas sem conto, diante de tabuleiros mágicos de 64 escaques, em laborioso estado e congeminção, procurando cada qual idealizar uma posição de peças em que o mate se verificasse em dois lances, através de manobras temáticas, mas artísticas e originais, o mais possível! Abstemo-nos de mais comentários!...

“FLECHA”
a melhor bicicleta

IV-Correia Barrento



CORREIA BARRENTO

367 o número dos prémios conquistados, entre os quais se encontram 77 primeiras classificações e 44 segundas, feçanha de que só muito poucos se gabam.

Até 1938, montando, entre outros, «Intruso» e «Papillon», o capitão Correia Barrento obteve um grapo de vitórias de que é justo destacar os «Grandes Prémios» do Porto (1930), Caldas (1932), Pedras Salgadas (1932) e a «Regularidade» dos certames do Porto (1932) e Lisboa (1935).

A partir de 1940 a carreira desportiva do distinto cavaleiro passou ainda a ser mais brilhante, porque às suas magníficas qualidades de concursista, Barrento pôde juntar a classe de alguns dos melhores cavaleiros que pisaram pistas portuguesas e entre estes o irlandês «Adail», o anglo-árabe «Magali» e o argentino «Raso», cavaleiros que lhe proporcionaram extraordinários êxitos merecê da forma como soube montá-los.

Basta que se diga que só num ano em Malra triunfou em todas as provas, montando «Adail», e que com o «Raso» obteve já 23 vitórias, algumas delas brilhantíssimas pela sua dificuldade e pelo seu valor. Não esqueçamos, entre muitas outras, os «Grandes Prémios» de Cascais (1943 e 1946), de Malra (1944 e 1946) e a «Taça General Carmona», (1945).

Correia Barrento, vencedor duas vezes do Campeonato do Cavallo de Guerra, em 1932 e 1942, fez parte de quatro equipas que disputaram a «Taça de Ouro da Península», e, coisa curiosa, essas equipas nunca a perderam.

Cavaleiro variadíssimas vezes internacional, conta no seu «palmarés» oito vitórias obtidas no estrangeiro. Além das já citadas, mencionem-se a «Diputacion Provincial» e «Copa da Cavalaria Espanhola», ambas em 1940, a «Praeba Ejercito», em 1943 e 1945, e a «Regularidade», também em 1945, todas conquistadas na capital da Espanha.

Entre os cavalos que tem montado e que ainda não foram citados contam-se «Elgon», «Secreto», «Essex», «Envoy», «Benguela», «Paiol», «Vouga», «Zézere», «Sagres» e «Garlie».

Eis a traços largos alguns apontamentos carlosos da carreira desportiva do capitão Correia Barrento, um dos nossos melhores concursistas e daqueles em que melhores esperanças ainda se depositam.

Antas Teixeira

Pugilismo amador

O público português gosta imenso dos espectáculos de box. Exigem-lhe uma quantia relativamente elevada pelos bilhetes, e ele vai, comparece, entusiasma-se e acarinha os pugilistas em quem reconhece qualidades.

Simplesmente, o público nem sempre se diverte. Dão-lhe, por vezes, como boas, organizações fracas; então, indigna-se e protesta, para dizer que nunca mais irá ao box e lá estar na próxima sessão.

Os profissionais portugueses são poucos, e o seu valor reduzido. Todos gostaríamos que o seu número fosse maior, assim como a sua categoria. Mas isso só se conseguirá quando aumentarmos o número de amadores, havendo muitas salas em laboração. Ora, a Federação respectiva, como a Associação de Lisboa têm exercido uma acção tendente ao desenvolvimento do pugilismo amador, e daí a nossa concordância.

O campo de patinagem

no Palácio do Parque Eduardo VII está quase concluído

O Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII está a ser adaptado a rink de patinagem para ali se efectuar, brevemente, fazendo parte das Festas da Cidade, o Campeonato da Europa de que em patins. Sabemos que as obras estão muito adiantadas, trabalhando-se com acerto e regularidade, de modo a haver a certeza de que, na altura devida, o rink estará concluído. Tem, ao que parece, uma capacidade para cerca de cinco mil pessoas, correspondendo portanto às necessidades da competição. Mesmo assim, julgamos que a lotação será esgotada, pelo menos, todas as noites, já que se efectuarão desfilos também de tarde.

Os portugueses têm-se afirmado excelentes oquistas, impressionando pela sua técnica, rapidez e movimentação. Ainda no último torneio europeu se collocaram no plano merecido de vedetas. Podemos, portanto, confiar na representação portuguesa. Num ambiente de confiança e entusiasmo, o seu rendimento deverá ainda ser maior. Merecemos, sem dúvida, a distinção de organizar o Campeonato da Europa de que em patins.

Académica

vence

a dois minutos do fim

O campo do Lusitânia, em Coimbra, registou regular assistência. Sob a arbitragem de António Santos, de Lisboa, os *teams* alinharam.

Académica — Szabo, António Maria, Mário Reis, Eduardo Santos, Brás, Lomba, Melo, Azevedo, Jorge Santos, Atás e Bentes.

Boavista — Mota, Fernando, Francisco Silva, Ramos, Serafim, Raimundo, Caiado III, Armando, Caiado II, Caiado I e Barros.

Árbitro — A. Rodrigues dos Santos de Lisboa.

Os boavistas começaram com boa disposição, e durante toda a primeira parte estiveram mais ao ataque do que à defesa, traçando esquemas de bom jogo. Os estudantes, como que surpreendidos, não conseguiram organizar-se devidamente, de modo que o resultado de 2-1, no intervalo, pode considerar-se normal. Marcaram as bolas, pelo Boavista, os dois Caiados, 1.º e 2.º; e pela Académica, o extremo direito Melo.

No segundo tempo, os capangas reagiram e trabalharam mais. Era preciso vencer...

Aos 20 minutos, a expulsão de Serafim facilitou, afinal, as coisas. Mas o triunfo custou energias! Bentes conseguiu o empate, mas o Boavista, mesmo com dez unidades, colocou-se de novo em vencedor, por Barros. Sol de pouca dura! Bentes, aguerrido e exímio executante, conseguiu outra vez o empate.

O resultado precisa estar feito. Aos 43 minutos, porém, Atás marcou a bola do triunfo. É fácil ver que o Boavista se comportou esplendidamente, e que a Académica não atingiu o seu melhor, tendo lutado, no entanto, encarnadamente e com entusiasmo.



Junto das redes do Boavista, aplica-se a defesa portuense com energia. A Académica ataca vigorosamente.

Assinem a «Stadium»



Bentes, o excelente extremo esquerdo da Académica, na jogada que lhe proporcionou um remate fatal.

O PORTO

não teve
dificuldades

O Porto tinha uma jornada fácil. No papel, pelo menos, era assim. E foi, a despeito da boa vontade revelada pelos sanjoanenses, grupo que também é treinado por Szabo...

As equipas:

F. C. do Porto — Valongo, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Santsins, Freitas e Catolino.

Sanjoanense — Barbosa, Joaquim, Leite, Santos, Quinteiro, Manuel Silva, Pardal, Azevedo, Gonçalves, Arlindo e David.

Árbitro — José Lira, de Braga.

O campeão portuense, que anunciara Correia Dias a médio-centro, não se deixou tentar pela experiência. Gomes da Costa, por certo em férias, também não alinhou. Valongo, um bom jogador de 1.ª categoria, substituiu Barrigana. Mesmo assim, embora experimentando dificuldades na 1.ª parte, conseguiu resultado confortável: 6-0.

O campeão de Aveiro, que ainda não conseguiu vencer, nesta prova, por certo também não contava surpreender os portuenses. E a estes, com maior ou menor número, era familiar a vitória.

Não se jogou bem. Naturalmente. Quando um grupo é muito mais fraco, até o pensamento do público se integra no derrotismo. O vencedor não consegue fugir da sua apreciação desolada.

— Valongo, Guilhar, Joaquim, Lourenço, Araújo e Catolino, bons no vencedor; Barbosa, Quintino, Arlindo e Pardal, os melhores sanjoanenses.



Perante a ameaça de Bentes, Mota mergulha com energia e decisão. Desta vez não haverá perigo para o Boavista!

NOTA DA SEMANA

Joe Louis, o mulato de Alabama, que há oito anos ocupa o Irono do pugilismo na qualidade de campeão do Mundo — indiscutível, indomável e impercível — está agora imitando os «stenores» e as «prima-donas» quando lhes chega o rigor da idade.

Sentindo a velhice perto e com ela o legítimo anseio das delícias de Cápuia, o pugilista quer despedir-se do palco da vida profissional recolhendo à charrua como Cincinato.

Este monarca, inculco mas cheio de força, que os cérebros mais inteligentes da raça de Cham souberam pilotar entre escolhos, elevando-o desde o vulgo até à celebridade, principiou um giro pelas cinco paridas do Universo a mostrar quanto valem ainda os seus murros.

Joe Louis, pelo facto de haver sovado grande quantidade de cavalheiros brancos, não possui a arrogância de Jack Johnson nem mostra os seus assomos provocadores e destemperados.

Dá a grande popularidade de que goza entre os yankees.

Além disso, é uma pessoa com bastante espírito — facto assaz averiguado e recentemente confirmado durante a sua visita à cidade de México.

Na véspera de combater com o chileno Artur Godoy, convidou o embaixador dos Estados Unidos a assistir ao espectáculo. O diplomata, porém, mostrava pouca disposição para aceitar e inquiriu se o lugar que lhe destinavam era bom e digno da sua qualidade.

O preto não se deu por achado e contestando de maneira afirmativa, para confundir o embaixador, acrescentou:

— «Caso lhe não satisfaça, eu cedo-lhe o meu...»

Escusado seria dizer que o lugar de Joe Louis era dentro do «ring», com as oportunidades próprias das circunstâncias. O embaixador embuchou...

Que diz o leitor ao remoque, hem?

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Se as condições atmosféricas do sábado antecedente haviam sido antagonistas dos jogos de futebol, as do último foram ainda piores.

O tempo mostrou-se francamente hostil e os campos apresentaram-se cobertos de gelo e de neve, fazendo adiar 24 jogos, quer na Inglaterra quer na Escócia, jogos que figuravam no programa do dia. Até um desafio que conta para a Taça, entre «Preston North End» (um dos favoritos mais reputados) e «Sheffield Wednesday», ficou por efectuar, com grande decepção dos aficionados.

A quinta eliminatória para a final da Taça viu desaparecer o «Stokes City», batido pelo «Sheffield United» (1-0), o «Derby County», derrotado por «Liverpool» (1 0), «Manchester City», esmagado por «Birmingham City» (5-0) e o «Blackburn Rovers» vencido pelo «Charlton» (1-0).

Assim, dos oito clubes que vão aos quartos de final encontram-se apurados quatro. Os restantes devem sair dos desafios seguintes, que se efectuarão durante a semana:

«Preston» contra «Sheffield W»;

«Burnley» contra «Luton Town» (empataram no sábado, sem golos); «Newcastle U.» contra «Leicester C.» (fizeram 1 a 1) e «Notts Forest» contra o «Middles» (empate a 2 tentos).

O campeonato da Liga também prosseguiu. Facto curioso: na primeira Divisão registaram-se só empates!

«Arsenal»-«Blackpool» (1-1); «Chelsea»-«Grinby Town» (0-0); «Sunderland»-«Portsmouth» (0 0), para discriminar.

Os «Wolves», «Preston», «Blackpool» e «Middles» seguem à frente, na ordem indicada, com 37, 34, 34 e 33 pontos. O primeiro tem menos jogos disputados e por isso a sua vantagem é mais firme.

Na cauda, figuram o «Charlton», o «Huddersfield» e «Leeds United», com 19, 18 e 16 pontos.

Na 2.ª Divisão, «West Bromich Albion» ganhou ao «Southampton» (1-0) e «West Ham» venceu «Newport County» de modo folgado (3 0). Na testa da classificação vai o «Manchester United» (40 pts.), levando atrás o «Burnley» (38) e o «Newcastle United» (36).

A posição de «Cardiff City» na 3.ª Divisão (Sul) é cada vez mais sólida e o «Queens Park Rovers»,

RUGBY

A final do Torneio dos Cinco

O campeonato mais importante que figura no calendário do rugby europeu é, sem a menor dúvida, o torneio das cinco nações: Inglaterra, Escócia, Gales, Irlanda e França.

Interrompido por divergências de critério e melindres justificáveis durante algum tempo, e suspenso durante as últimas guerras do continente, foi, em seguida à paz, renovado com grande êxito.

Neste ano de 1947 a França apresenta-se como possível finalista da prova, em virtude das vitórias alcançadas sobre a Escócia (8 0) e a Irlanda (12 8), tanto mais que a Inglaterra saiu esmagada em Dublin, no último sábado, por 22 pontos a zero.

Presentemente, os cinco países disputaram entre si dois desafios

e só a França se conserva invencível.

No dia 22 do corrente joga-se em Twickenham o match entre a França e a Inglaterra, cujo resultado pode decidir o vencedor do torneio.

Irlanda, 22-Inglaterra, 0

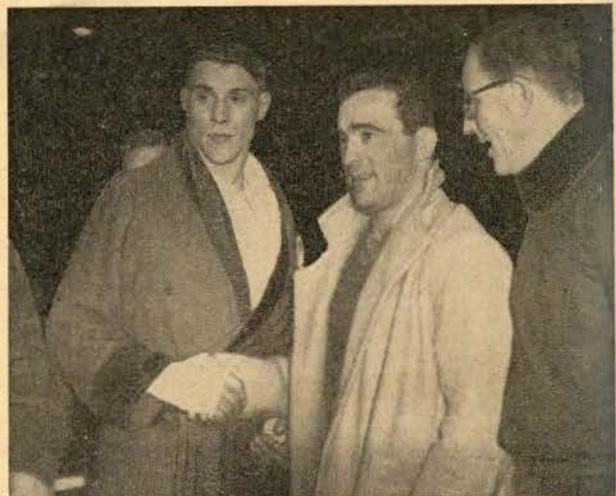
Esta vitória é a maior que o «quinze» do trevo jamais conseguiu sobre a equipa cor-de-rosa e foi completamente justificada.

A causa de tão excessivo número de pontos deve atribuir-se à brilhante actuação da linha atacante irlandesa conjugada com a fraqueza do sector defensivo inglês.

Antes do meio-tempo, O' Hanlon fizera um «ensaio» e Mullan marcou um «golo de castigo». Na segunda parte, Mullan, O' Hanlon e Mc Kay conseguiram 4 ensaios, dois deles transformados.

BOXE

O combate Cerdan-Fouquet



CERDAN, novo campeão de Europa, aperta a mão a FOUQUET depois de o ter batido por «K. O.» ao 1.º assalto

EM CUBA

García Alvarez, o antigo campeão de Espanha de «semi-médios», agora em vilegiatura pelas Antilhas, perdeu um combate com Gavilán Kid. A

segundo classificado, está a 8 pontos. Outro tanto acontece na mesma Divisão (Norte) com o «Doncaster» e «Rotherham United», pois entre ambos medeiam 5 pontos, difíceis de anular.

Resta falar do «match» internacional entre a «Inglaterra» e a «Irlanda» (amadores), que terminou com a vitória... dos primeiros por 3-1. Distinguiu-se por parte dos ingleses J. P. Tanner, avançado centro de Oxford, que marcou todos os tentos.

luta desenrolou-se em 10 assaltos, no Palácio dos Desportos, de Havana, concluindo com uma decisão por pontos.

NO MÉXICO

Joe Louis apresentou-se a combater, na Praça de Touros, contra o chileno Artur Godoy, na presença de 30 000 pessoas. A receita atingiu cerca de 80.000 dolares.

Ambos os jogadores empunharam luvas de 14 onças e no final dos 10 assaltos o árbitro proclamava vitorioso por pontos o campeão do Mundo, depois de um match bastante fêlo de interesse.

Assinem a STADIUM

Stadium

Não estamos em presença de um desportista vulgar, de um elemento que não tenha opiniões próprias, de um homem que, pelo seu passado e pela sua cultura, não haja merecido o respeito da crítica e dos adversários. O dr. Oscar de Carvalho, que só não foi internacional de futebol por pouca sorte, ganhou campeonatos de atletismo, de oquei em campo e patins, foi nadador e waterpolista, dirigente também, militou no grupo de jogadores que honraram o futebol português, e tem atravessado a sua vida desportiva sem deixar a ninguém direito para o atacar sem elegância.

Sempre que se fale no futebol português, terá de recordar-se o valioso atleta do Boavista. Difficilmente conseguirá o popular clube do Bessa jogador de tal quilate, na defesa, como dignamente encontraremos no Porto homem que o suplante na equipa da cidade. Esquecer Oscar de Carvalho é negar uma quantidade boa de épocas brilhantes e sadias, um período duro do futebol português. É esquecer a cultura de Oscar de Carvalho, desportista ousadamente fora da vulgaridade, média que afligiu e aflige a maioria dos nossos praticantes, é desconsiderar também a Verdade e a Razão.

Conhecendo muito de perto uma série de entrevistadores e de entrevistados que poucas vezes nos fornecem prosa de boa leitura, mas sim vogas idias sobre questões de interesse reduzido, — raros fugindo do âmbito pessoal para o campo da doutrina, — sempre tivemos em Oscar um elemento que sabia expor, compreendendo critérios, assimilando lácticas, discutindo assuntos variados e fixando pontos de vista que poderiam ser discutidos mas eram sempre dignos de consideração.

Oscar-jogador ou Oscar-desportista estavam ligados pela mesma cadeia, e se adversários linha ou poderá ler ainda, é necessário julgar primeiro do seu valor mental para os apreciar depois. O grande jogador do Boavista e da cidade, quase sempre defendido pelas suas qualidades e pela sua inteligência, ganhará com certeza no confronto, embora não deixe de ser triste a liberdade que a muitos se concede, o direito de condenar por simples simpatia ou defesa de sistemas, o propósito de atingir com insulto alguém que pode ter opiniões e sabe colocá-las com a serenidade e o prestígio do seu nome.

Não pode abrir-se o campo à discussão de problemas de interesse excepcional, e muito menos consentir-se no humor desgraçado e infeliz de certa gente. Foi agora vítima o Oscar de Carvalho, e outras se podem ter escolhido ou venham a escolher ainda, numa rara e bizantina procura de assuntos molhados em tintas escuras e desleais.

Novos directores do F. C. do Porto



DR. CESÁRIO BONITO
Presidente da Direcção

A assembleia geral dos sócios do F. C. do Porto foi chamada a pronunciar-se, na semana finda, sobre os dirigentes que lhe convinham. E pode afirmar-se que escolheram bem, optando por nomes que muito se esforçam por cumprir, gente nova e dedicada à velha organização desportiva da capital do Norte.

A esta assembleia geral presidiu uma das figuras mais nobres do clube: — o ilustre desportista e homem público Sr. António de Oliveira Calem, motivo mais do que suficiente para a boa ordem moral nos trabalhos. As assembleias gerais do F. C. do Porto revelam sempre a existência de um acontecimento digno de todas as atenções, dentro e fora da colectividade, e uma vez mais aconteceu assim. Mesmo tomando sempre em conta o natural retraimento dos sócios e actos eleccionários — o que afinal sucede em todos os sectores da acção desportiva, a menos que alguma coisa cheire a escândalo.

Os sócios do F. C. do Porto, na última reunião, elegeram para presidentes: — Assembleia Geral — António de Oliveira Calem; Direcção — dr. Cesário de Moura Bonito; Conselho Fiscal — Alberto Brito. Três figuras distintas do clube. O primeiro está longe de qualquer suspeita de parcialidade, tão honesto desportivo foi sempre. Elemento da fundação do F. C. do Porto, o Sr. António Calem ligou-se ao seu clube de sempre, servindo-o quando lhe é possível e lhe pedem.

Na Direcção continua o dr. Cesário Bonito, Pioneiro de uma causa, o Estádio, não a quis ainda abandonar, e despejo de todas as contrariedades, ditos contudentes ou apreciações levianas. Os associados continuam a confiar nele e têm

razão. Para vice-presidente da Direcção entrou igualmente um novo: dr. Carlos Gagliardini Graça. Mas este novo... é velho no primeiro clube nortenho. Trata-se de um antigo jogador do Infantil e categorias inferiores do futebol, companheiro de alguns axes e irmão de uma família que ell praticou várias modalidades. Há muito a exercer da sua juventude e competência.

No cargo de secretário geral continua Ivo Araújo — uma fera que não desarma. Dinâmico e empreendedor. As finanças foram agora entregues a Joaquim Elói da Silva, que regressou à direcção e em boa hora. Luís Relumba, velho praticante e dedicação permanente, como Augusto Gouveia, nervos de aço, temperamento admirável de lutador, também continuam no seu lugar.

Preside ao Conselho Fiscal Alberto de Brito, que antes quis refugiar-se no serviço da sua colectividade. Abandonando a A. F. do Porto, onde marcou posição de relevo, Alberto Brito, dedicado ao seu organismo, continuará a revelar-se um desportista de reais qualidades. Dirigente aprimorado, senhor de absoluta elegância moral, ver-se-á o ex-presidente da A. F. do Porto continuar com certeza fiel e virtudes que valorizaram extraor-



ALBERTO BRITO
Presid. do Conselho Fiscal

dinariamente a sua acção desportiva.

Por isso, e como observadores apenas, parece-nos boa a escolha feita pelos socios do F. C. do Porto. É claro que rodearemos sempre as funções dos dirigentes do melhor carinho. Entrar dentro da «sua casa» para os discutir não é nem pode ser liberdade tomada pelo crítico em certos casos e muito menos julgar em estilo desagradável a decisão ou decisões que em assembleia geral hajam tomado os membros de sua família. Pode o jornalista ser da casa: — e se é,

MOSAICOS nortenhos...

W. M. — sim! W. M. — não! E toda a gente discute o W. M. com furor, às vezes agressivamente, não consentindo opiniões contrárias, zombando dos critérios alheios, como se o falar de cátedra fosse exclusivo de alguém...

Não aparecerá por aí qualquer coisa que faça esquecer tanta verbosidade?

◆ VENCEMOS a Espanha por 4-1, após um jogo emocionante, indiscutivelmente bem urdido, jogo «internacional» puro, renhido e honroso. Mas foi como se não tivéssemos ganho, em certos meios. Não podem errancar do mapa o resultado, mas fazem tudo para o denegrir. Querem — e não querem. Na imprensa do Porto, parece que até se considera crime tremendo ganhar aos nossos vizinhos. Falta de hábito, talvez...

◆ NOVA derrota sofreu o F. C. do Porto, agora em Elvas. O grupo deve ter saído para a cidade fronteiriça deslumbrado com palavras bonitas, ouvidas quando triunfou contra o Olhanense — e zé! — esqueceu a lição.

— Temos «team» — escreve-se. E foi como se houvessem dito o contrário. É ter pouca sorte.

◆ O SALGUEIROS, temos de repelir, não procura melhorar a sua acção, deixando-se envolver por um estanho desalento. Perdeu ainda há pouco em Avintes, clube da 2.ª Divisão, valoroso mas modesto, e por 5-1. Que nos indica isto? Não será possível tocar a reunir, valorizando-se um pouco mais uma colectividade com excelentes tradições?

Consequência fatal das transferências intempestivas a que nos referimos na altura própria. Muito lamentável.

◆ APENAS dois clubes continuam fiéis ao *corta-mato*: o F. C. do Porto e o Operário. Outros se anunciam, mas o Académico e o Salgueiros, ainda há pouco tempo concorrentes, não aparecem. Infelizmente para a modalidade...

discute no lugar próprio. Como jornalista Santo Deus!...

Afitemos por tanto de nós o propósito de meter foice em seara alheia, e diga-se que os futuros directores do F. C. do Porto, na maioria reconduzidos, têm categoria para servir honrosamente a popular colectividade. Há sempre necessidade de alterar aqui e além as composições dirigentes, mas nem sempre é útil interromper o trabalho de quantos amadureceram um plano. É com certeza este o caso. Pela nossa parte, tanto o F. C. do Porto como todos os agrupamentos, briosos e dignos pelo seu trabalho e persistência, podem confiar. Faremos jornalismo que os sirva, sem bafeço ao pescoço.

PORTO - SANJOANENSE



Uma boa defesa de Barbosa, que vence a oposição de Lourenço — um avançado que está a rematar bem



Sanlins, que joga a avançado-centro, procura esgueirar-se por entre dois adversários. Não foi fácil...

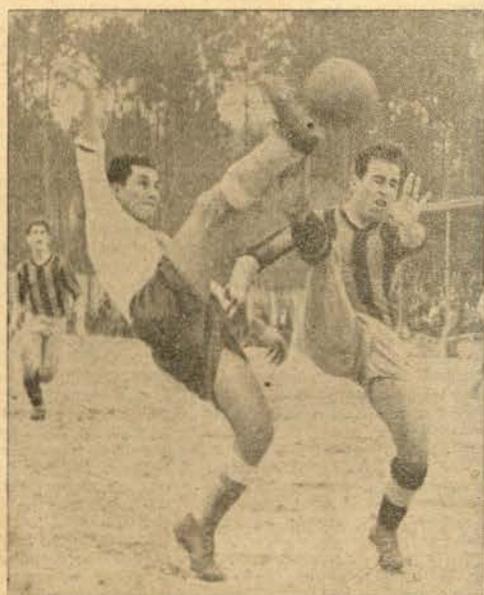


O remate de Catalino 'partia forte. Dentro das balizas, dois sanjoanenses defendem enérgicamente — sem evitar o tento

FAMALICAO-OLHANENSE



Os algarvios foram dominados várias vezes. Mas a sua defesa, enérgica, não consentia na vitória adversária



Moreira não conseguia levar a melhor. Cerqueira, mais ginasta, evitou que a bola passasse